

CONTOS E POEMAS VOL. III
ASSOMBROSOS

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

Beijos de Caronte, por Álvaro de Azevedo, pág. 05
Lua branca, Lua preta, por Bruno M. Garcia, pág. 07
A escolha de Adão, por Ícaro Uriel Brito França, pág. 15
Mármore, por José Manuel da Silva, pág. 22
O pássaro, por José Manuel da Silva, pág. 29
A ilusão da mordida, por Kátia Surreal, pág. 35
Renascido das trevas, por Luan Kruczewski, pág. 38
Morto, por Luiz F. Haiml, pág. 41
Em nome do pai, por Malu Gouvêa, pág. 43
O pacto, por Michele da Silva Santos, pág. 50
O dia da partida, por Regiane Silva, pág. 55
À mestra sem carinho, por Roberto Schima, pág. 59
Olho mágico, por Tarija Pozo, pág. 69
Os malditos, por Thaisa Yukari Hazaoka de Oliveira, pág. 73
Conheça outros títulos da coleção, pág. 79

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura
www.facebook.com/conexaoliteratura





Todos os homens odeiam os desgraçados; como devo ser odiado, eu que sou a mais infeliz entre as criaturas vivas! Ainda assim, tu, meu criador, detestas e rejeitas a mim, tua criatura a quem estás preso por amarras que apenas a aniquilação de um de nós pode dissolver.

— Frankenstein, Mary Shelley

APRESENTAMOS O POEMA
BEIJOS DE CARONTE

Por Álvaro de Azevedo

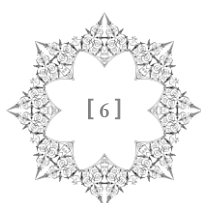
Sobre o autor: Escritor, professor e poeta.

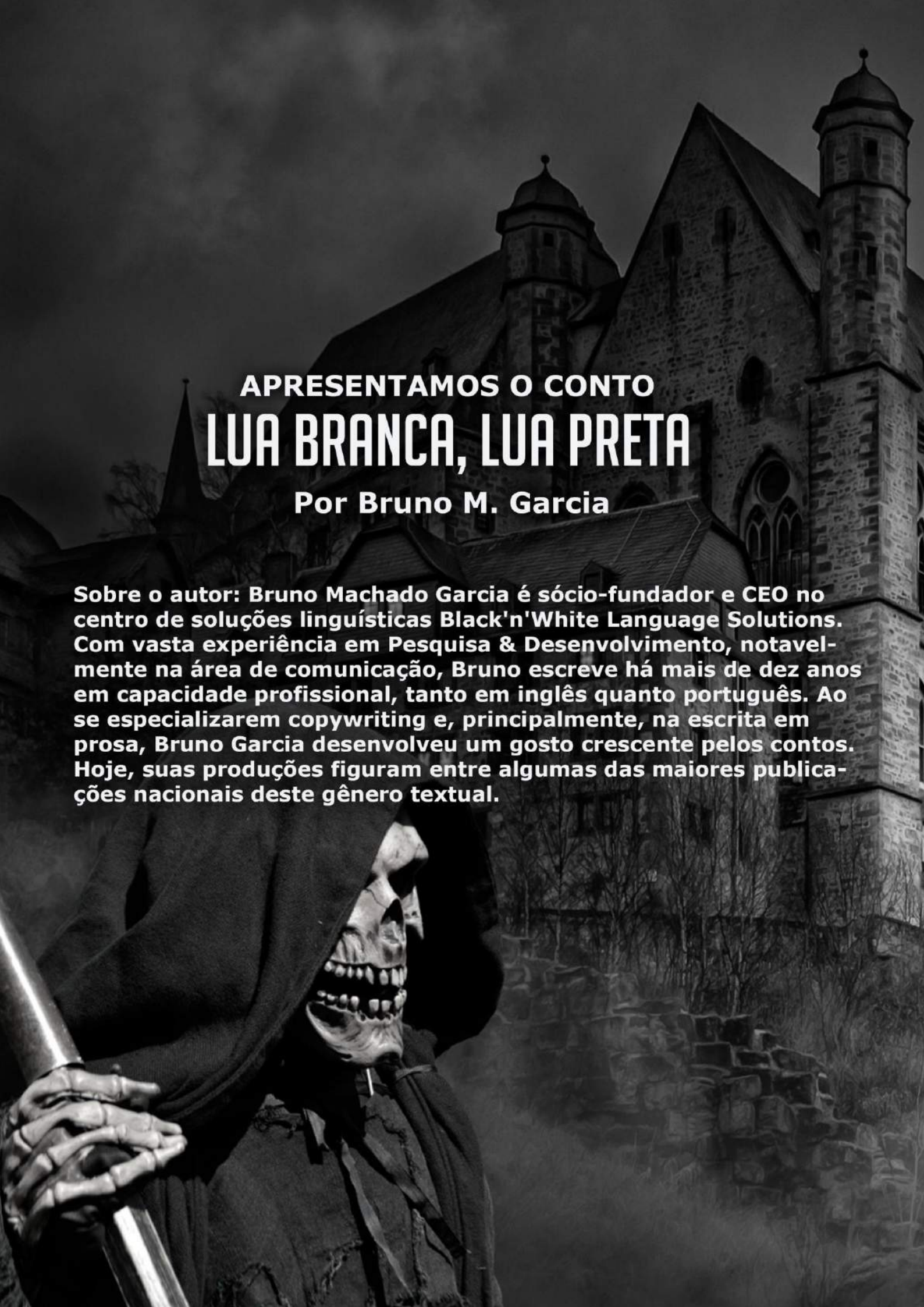
Na noite em que registrares
desejos na carne nua,
saibas que não se atenua
a marca de seus molares.

Diviso furtivos pares
de sulcos, à luz da lua,
e a face inerte insinua
gritos de horror e pesares.

Se lhe caço — estaca e presas —,
cesso festins, deixo acesas
velas que sustêm a sorte.

Arrasto os pés, o ar ressoa;
nesse passo eu chego à proa
do gondoleiro da morte.





APRESENTAMOS O CONTO LUA BRANCA, LUA PRETA

Por Bruno M. Garcia

Sobre o autor: Bruno Machado Garcia é sócio-fundador e CEO no centro de soluções linguísticas Black'n'White Language Solutions. Com vasta experiência em Pesquisa & Desenvolvimento, notavelmente na área de comunicação, Bruno escreve há mais de dez anos em capacidade profissional, tanto em inglês quanto português. Ao se especializarem copywriting e, principalmente, na escrita em prosa, Bruno Garcia desenvolveu um gosto crescente pelos contos. Hoje, suas produções figuram entre algumas das maiores publicações nacionais deste gênero textual.

A voz repentina me assusta. Eu tropeço.

Ele se aproxima devagar, rindo, e me levanta sem esforço algum. Tem um cheiro bom. Suave, mas presente.

— Obrigada — digo, estapeando a areia das minhas pernas. — Não tinha te visto.

— Sabe... — A lua cheia ilumina os dentes do homem. — Andar sozinha na praia a essa hora é uma má ideia.

Olho para a estrada, por cima do ombro dele.

— Como se chama? — indaga-me o estranho.

— Jerusa.

— Prazer — ele estende o braço —, Túlio.

O toque da mão é liso e quente, o que significa que não exerce trabalho pesado.

— E então? — pergunta.

— Oi?

— O que fazia? — Túlio aponta para a pedra que deixei cair no chão.

É daquelas que aparecem na orla, desgastada até formar um buraquinho.

— Estava procurando por elementais — falo.

— Tipo... gnomos? — Ele ergue as sobrancelhas.

— É. — Tiro meu cabelo da testa. — Mais ou menos isso.

Ao se agachar, Túlio não desgruda os olhos de mim. Ele pega o calhau perfurado.

— Como que eu faço?

— Aponta a pedra para onde quiser. — Encolho os ombros, depois passo o dedo pelo orifício do disco rochoso na mão dele. — Observa através do furo.

É oficial. Estou flertando com um desconhecido, na praia, de noite. É incrível o quão fácil eu vou de assustada a excitada. Às vezes, as duas coisas se misturam... Nunca converso com as amigas sobre, mas tenho vontade.

Será que elas também são assim: uma contradição ambulante?

Provavelmente não saberiam dizer. Eu mesma só passei a me entender melhor durante as meditações da lua. A maioria, porém, comparece mais pelo social. Não levam a sério. Meditar é olhar para dentro... Nada de “social” nisso.

— E aí? — pergunto. — Algum espírito da natureza à vista?

Ele gira e me espia através do buraco.

— Ah! Achei um.

Já era.

* * *

— Ei! — Gladis abre os olhos verdes para mim. — Calma lá, Jerusa. Devagar.

Bem mais devagar. Conheceu ele... onde?

Ela me escutou. Esse é seu jeito de falar que não gostou do que ouviu.

— Na Atalaia.

— Você quer dizer no bar da Atalaia. Não vagando na praia, à noite, atrás de elementais... certo!?

Dou de ombros.

Gladis é aquela amiga raiz. Puxa a gente para a realidade quando nossas mentes, consideradas abertas ante os padrões sociais, acabam indo longe demais.

— Gladi — chamo-a pelo apelido, como se fosse suavizá-la. — Ele não está me stalkeando. *Eu* sou a perseguidora.

Respirando muito fundo, ela levanta um dedo no ar.

— Não vai fazer besteira...

— Não entendi.

— Entendeu, sim.

* * *

Conseguir o tufo foi relativamente simples.

Ele frequenta uma dessas barbearias que estão na moda aqui em Itajaí. Metade delas têm uma caveira barbuda como logotipo. Pergunto-me se alguma, de fato, registrou a marca. Enfim. Esperei-o partir, entrei na *Black Label* e caminhei até onde eu o tinha visto sentado. A homarada me encarou como se eu fosse uma alienígena das plêiades. Ninguém reagiu. Peguei um punhado de barba e cabelo do chão. Virei-me. Saí.

— E aí? — rouqueja Violeta. — Vai ficar só olhando?

— Calma — digo.

Se Gladis é sabedoria e moderação, a Vio é coragem... explosão.

Foi ela quem me incentivou a ir atrás dele. Para minha surpresa, nenhum dos meus “anzóis” fisgou o homem. O que iniciou como um jogo despretenso, se tornou uma obsessão. Sim. Não tenho vergonha de admitir: Túlio é um vício. Habita meus pensamentos de dia e sonhos à noite.

Preciso tê-lo.

Deixo o sofá e me agacho sobre a mesinha de centro. Um perímetro quase fechado de velas aromáticas delineia as bordas do pequeno móvel. Seria melhor se estivéssemos

na mata atlântica, aos pés de uma árvore, talvez. A energia da floresta é intensa... Mas não pude sair do meu apê, ansiosa demais.

— Tem que ser apertada — rosna Violeta, agitando a cabeleira ondulada.

— Eu sei.

Pego a fitinha vermelha, que simboliza paixão, e começo a entrelaçá-la com nossos fios de cabelo, formando uma trança.

— Túlio está apaixonado por mim — sussurro —, e será para sempre. Assim seja, e assim se faça. Assim seja, e assim se faça. Assim seja, e assim se faça. Bendito seja!

É quando acontece. Pela janela e pelas frestas da porta, uma ventania louca invade a sala, trazendo o som aterrorizante; um uivo doído e, ao mesmo tempo, ameaçador. As velas se apagam de uma vez. Só não ficamos na escuridão total por causa dos raios da lua cheia, que banham o recinto.

— Também ouviu? — pergunta Vio.

— Não — minto.

“Está feito”, me soprou o vento.

* * *

Ele encara minha roupa com aquele olhar nojento.

— Será que vou ter que botar fogo!? — urra, salivando de raiva.

Outra briga. Mais hematomas. Semanas de dores...

— Chega, Túlio.

Um trovão estoura a distância.

— O quê?

— Não vai tocar mais em mim. — Arrumo o vestido curto, que ele antes adorava.

— Tocar?

— Já chamei o Uber e *whatsappeei* a Gladis. Vinte e sete minutos para estar na casa dela. Se eu não aparecer por lá quando der esse tempo, ela manda a polícia.

Nunca gostei muito das autoridades. Não há nada de errado, porém, em usá-las para botar medo em um filho da puta covarde.

* * *

— Continua te perseguindo? — pergunta ela, seu semblante petrificado.

Inspiro fundo o aroma do incenso, que permeia sua cozinha.

— Sim. Ele me espera sair do salão, quase todos os dias. Já bloqueei vários números que ficam me ligando... mas só silêncio do outro lado.

Gladis abre os olhos e faz que sim com a cabeça, uma única vez. Depois, puxa o copo de água da mesa e toma um longo gole, sem tirar a atenção de mim.

Ela larga o recipiente. Suspira.

— Vamos fumar um — anuncia.

Somente quando estamos mais relaxadas e um tanto altas, Gladis volta a falar.

— Por que você nunca me contou que ele te batia? Digo, logo no início.

Dou outra tragada no cigarro de erva e, segurando a fumaça, confesso:

— Fiz um feitiço — solto o ar, denso e branco. — Um feitiço de amor.

— Violeta... — cospe ela, virando a cara antes de emendar: — Túlio não vai parar.

Os pelos do meu antebraço se eriçam. Esfrego a mão nele.

— É o braço do seu coração — diz. — Você também não vai parar.

— Como?

— Vocês seguem entrelaçados. Se ele para de te perseguir, você vai atrás.

— Sonha!

— Como você se apaixonou por ele?

Foi quando não me retribuiu o afeto.

— Isso mesmo, Jê — entoa Gladis, lendo-me. — Essa é quem você é. A meditação da lua te deu clareza. Começou a se entender melhor. Não viu isso?

— Vi. Claro que vi. É algo em mim. Pequeno e estúpido. Mas não tenho um botãozinho de desliga na cabeça. É quem eu sou, merda!

— Calma. Não estou te julgando. É apenas um fato da vida. Da *sua* vida.

Ela devolve o fumo, querendo me acalmar.

— Então, o que eu faço — pergunto — para resolver isso?

Como que contando um segredo, a mulher se inclina sobre mim.

— Você ainda o tem?

* * *

A floresta gelada exala magia.

Preguiçoso, o rio Itajaí-Açu flui à nossa frente. A gente o escuta mais do que vê, pois é noite de lua negra. Ideal para feitiços de banimento.

Pego a coisa. Velha, oleosa e, após quatro anos habitando a gaveta, fedida.

Suavemente, Gladis toca meu braço.

— Dê-me a pedra celta.

Com a outra mão, alcanço o disco rochoso no bolso e o entrego. É estranho chamá-lo de “celta” só porque tem um buraco no meio, sendo que o encontrei na praia da Atalaia. Foi no dia em que conheci...

— Não, Jê — diz ela, como se enxergasse minha mente. — Não pense nele.

— Sim. — Seco uma lágrima solitária que me rolou à bochecha. — Nossa, por que isso é tão difícil para mim? Afinal, basta jogar a maldita coisa no rio. Não?

— Eu disse que estão entrelaçados. Desligar-se dele agora é como arrancar parte de suas próprias raízes.

Gladis levanta o calhau no ar e me espia por entre o furo. Depois, gira, observando a mata pelo “olho mágico”. Por fim, deita a atenção em mim, ainda através do orifício.

— Arranque a raiz — fala ela.

Arremesso a trança enfeitiçada no Itajaí-Açu.

— Vá! — berro, usando toda a voz. — Corra com o rio. Siga para sempre um único caminho. Sem retorno. Sem retorno. Sem ret...

— NÃO — explode um som inumano.

— Está atrás de você! — estridula horrivelmente Gladis. — Pul...

Ela não consegue terminar. Somos erguidas do chão pelo vendaval, forte como tornado, uivante como lobo moribundo.

— Era Ele! — grita a mulher, agarrando-se em desespero a uma árvore. — Estava junto de Túlio!

— Quem!? — esganiço-me, mas a corrente apaga minhas palavras.

Completamente suspensa pelo vento, endireito o corpo na postura da montanha do ioga, cortando a resistência do ar. Como previ, disparo para baixo que nem uma flecha. Só tem um problema: meus pés estão mirados no céu.

O impacto vem no topo da cabeça.

Quando volto a mim, estou encharcada, mas já à margem do Itajaí-Açu. Gladis treme ao lado, agachada sobre brasas, soprando-as.

— Ei — chamo.

— Ei — responde ela, sem se virar.

— O que foi aquilo?

— O espírito da floresta.

— Fiz o feitiço em casa.

— Estamos falando do próprio Cornífero. Você mora a menos de cinquenta metros da mata. Além disso, aquele terreno baldio grande, abandonado ao lado do seu prédio... Foi por ali que ele te ouviu. Te atendeu.

Rolo para perto do fogo, que começa a se formar.

— E agora, Gladi?

— Você sabe. Três vezes.

— Eu já sofri dez vezes o que causei!

— Sofreu!? — Ela gira, as chamas dançando em seus olhos. — A agressão física é apenas um tipo de violência. Túlio te feriu a carne. Você violou a alma dele. Seus ferimentos podem cicatrizar... os dele ficarão abertos até o desenlace e além.

— Não fale besteira! Coisa nenhuma é pior que agredir um ser mais fraco.

— Eu tinha certeza que você diria isso.

A mulher esfrega as palmas vigorosamente, e minúsculos detritos de graveto caem na terra. Então, me toca com uma mão na testa e outra no peito.

— Sinta o que ele sente — sussurra ela, três vezes. — Que assim seja!

O encantamento termina, e um rasgo oco toma conta do meu ser. Não dói. Não mais. É pior que dor. O nada. Uma falta completa de propósito. A necessidade enlouquecida de preencher o nulo, com algo. Alguém. Comigo mesma. Jerusa. Quero atingi-la. Mas ela é inatingível. Acabou. Só resta o vazio. Uma parte de mim foi arrancada. Mutilada. Tenho que me vingar. Machucá-la...

Em sincronia, Gladis me estapeia cabeça e tórax. Percebo minhas unhas cravadas na própria pele; um braço atacando o outro. Solto-me, e o sangue escorre.

— Não o deixe cair no solo — diz ela. — E acabe logo o feitiço. Eu consegui afastá-lo, mas a mata é seu território. Ele pode tentar impedi-la de novo. Não importa o que aconteça, entoe todas as palavras.

Gladis leva a pedra celta ao rosto, enquanto eu me ergo, sacudindo o corpo inteiro.

— Vá! — vocifero, ainda mais forte que antes. — Corra com o rio.

Dessa vez, o ar começa a estalar, como se a fogueira o incinerasse.

— Siga para sempre um único caminho.

A forma em brasa se materializa ao redor. Um batuque me invade o crânio.

— Sem retorno. Sem retorno. Sem retorno. Que assim seja...

— NÃO — explode novamente a voz, agora, crepitante.

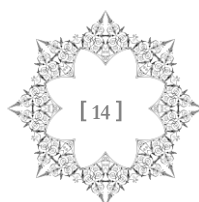
Vejo o chifre de fogo gigantesco. Sinto a pele ardendo.

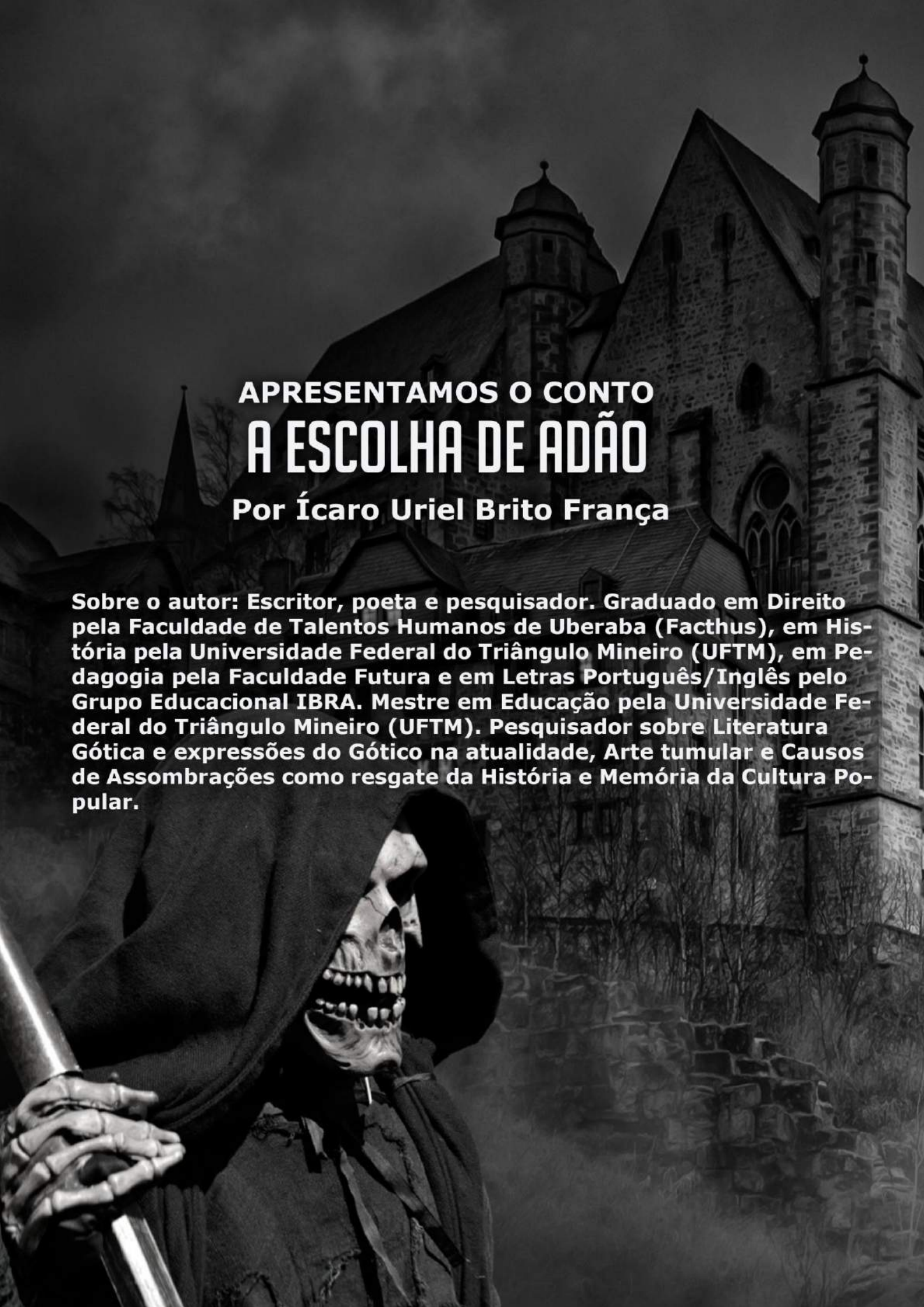
Junto todas as minhas energias:

— E que assim se faça!

“Não interfiras com o livre arbítrio de outrem, pois à natureza, nada repugna mais que tal violação. Recordai-vos: uma vez dado, três vezes recebido.”

Provérbio antigo de autoria desconhecida.





APRESENTAMOS O CONTO A ESCOLHA DE ADÃO

Por Ícaro Uriel Brito França

Sobre o autor: Escritor, poeta e pesquisador. Graduado em Direito pela Faculdade de Talentos Humanos de Uberaba (Facthus), em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em Pedagogia pela Faculdade Futura e em Letras Português/Inglês pelo Grupo Educacional IBRA. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisador sobre Literatura Gótica e expressões do Gótico na atualidade, Arte tumular e Causos de Assombrações como resgate da História e Memória da Cultura Popular.

Bem, nunca é fácil escrever o início de uma história. Palavras fogem do pensamento, frases parecem desconexas, ideias não se organizam. Ainda mais numa estória não tão lacônica de se contar, que traz um turbilhão de sentimentos, em sentidos à flor da pele, além de gerar arrepios congelantes por toda carnadura, seja por medo ou prazer. Afinal, sentimentos tão antagônicos, mas também próximos demais.

Quem vos escreve é um autor solitário, que apesar de um matrimônio, estabeleceu-se só por longos períodos, mesmo que acompanhado. Solitário em multidões; talvez seja esse o termo que me descreva em maior similitude verossímil. Meu matrimônio nem sempre fora assim. Em seus anos iniciais, era uma chama latente de amor, misturado na paixão do conhecer um ao outro em sua forma mais íntima. Porém, tudo se modificou. Aos poucos vi minha consorte se afastando. Engana-se quem pensar num afastamento sem afeto. O afastamento deu-se com a escassez cada vez menos frente a cópulas.

Procurei em todas as faces dos saberes inflamar novamente a volúpia de nossa chama, que parecia ser perfeita. Mas, nada surtiu efeito. Via que para a mesma essa não era uma face necessária da vida. Mostrava-se bem celibatária. Essa talvez fora a verdade mais cruel que se escondera. Por quê não ter dito antes, no início? Dizia ela que amar iria além. Possa ser que seu amor era mais evoluído que o meu, assemelhando-se aos de falanges angelicais, em ternura desinteressada de contato íntimo. Mas, para um reles filho de Adão, carícias, afagos, o gozo da vida ainda eram uma necessidade corporal.

Talvez, a ausência total de sexo seja a situação mais perturbadora de um relacionamento. De sua parte não havia traição, como muitos poderiam questionar em falácias difamatórias. Mas, não. Não havia uma terceira pessoa. Às vezes, apenas a vida caseira, profissional e maternal soterrara sua libido. Nas várias tentativas, conversas, encontros românticos, trocas de carícias, brincadeiras, conselhos, nada parecia surtir o efeito de acender a lascívia, o desejo que via antes do matrimônio. Para ela parecia ser errado contatos carnavais.

A frustração tomava cada vez mais minha personalidade. Não conseguia mais concentrar-me em nada. Se uma face da vida se mostra descompassada, as demais certamente sofrerão as consequências. Sabia que o amor ainda existia, o carinho, o afago, tudo. Mas, o contato íntimo, para ela parecia ser errado. *Oh merda! Maledette usanze infami* (Ah, merda de costumes infames). Isso destrói, tolhe o desejo feminino, que vão tolhendo esposas de serem mulheres.

Diferentes dos homens de minha época (da Itália do final do século XIX), eu não aceitava a ideia de sexo apenas para meu puro deleite. Se minha sequaz não aproveitasse o momento, não era pleno. O gozo precisava ser recíproco para ser sentido. Sexo não era sexo sem dois prazeres. Isso era bem distante do universo masculino daquele período. Mas, como dizia, meu primo Enrico; *“ero ancora un bambino sognatore che voleva cambiare il mondo, (...) tuttavia, il mondo non voleva essere cambiato.”* (eu era apenas um menino sonhador que queria mudar o mundo, (...) todavia, o mundo não queria ser mudado).

Minha vida tornara-se muito fria, sem cores. Sempre me pegava pensando que não sabia mais amar. Amava de forma quebrada, faltante. Não conseguia ser mais realizado no matrimônio como antes.

Para muitos consortes não seria isto um problema. A esposa em casa, em olhares sacrossantos de mãe e senhora e as amantes, concubinas, marafonas aliviando ânsias e instintos masculinos dos maridos. Mas, a mim não. E não pensem que este posicionamento meu baseia-se na antiga *morale cristiana* (moral cristã) dos napolitanos. Religião nunca me impediu de pensar por conta própria, ainda mais por ter estudado na Sorbonne Francesa, com a influência dos pensadores iluministas.

Não conseguia quebrar uma promessa minha feita a Cristina em nossa primeira jura de amor, logo após o casamento, em nossa *luna di miele* (lua de mel), pouco antes de consumarmos o matrimônio:

“Signora, il mio amore per te è vero.

Come prova, ti prometto di essere fedele in questa vita effimera e fugace.

Perché tu sei la mia unica certezza, il mio padrone.”

(Senhora, meu amor por ti é verdadeiro.

Como prova, prometo a ti ser fiel nessa vida efêmera e passageira.

Porque, tu és minha única certeza, minha dona.)

Tornei-me assim um homem atormentado, dividido entre satisfazer o desejo lascivo e o cumprimento de uma promessa. Ah, humanos, pobres seres atormentados por sentimentos e racionalismos. Tristes homens, descendentes de Adão, tão distantes do Éden, tão próximos do Tártaro!

No mês setembro, próximo ao dia de San Gennaro, padroeiro e protetor de nossa bela Nápoles, tive que viajar para Paris, devido à morte de Henri, sobrinho do conde de Valois, um grande amigo dos tempos da Sorbonne.

Com uma viagem por motivos fúnebres e por estar próximo às festividades do dia de San Gennaro, achei por bem que Cristina não me acompanhasse. Ela, junto às demais mulheres de minha família organizavam-se para missas, novenas e preparos pro do padroeiro da cidade. Também, seria bom ter um tempo solitário para poder refletir sobre minha vida. Poder espairecer minhas angústias e questionamentos. Mesmo perdendo o dia de San Gennaro, minha ida fazia-se necessária. Como diziam os franceses: *Paris vaut bien une messe* (Paris vale bem uma missa).

Quando cheguei a Paris era como se estivesse a conhecendo pela primeira vez. Acredito que essa seja sua magia. Nunca consigo enxergá-la com os mesmos olhos.

As exéquias de Henri, junto a toda a ritualística funerária, deram-se à forma parisiense e da casta de sua família. A morte em Paris é sempre algo suntuoso. Encontrei muitos amigos dos tempos de estudo durante a missa de corpo presente. Mas, alguém se destacava na multidão do funesto evento, Madame Camille. Uma das damas integrantes da mal falada *canasta des sept dames* (canastra das sete damas), cortesãs estrangeiras que tiveram ascensão social com o matrimônio, tidas como nigromantes por muitos.

Madame Camille havia ascendido à viuvez há aproximados 4 anos. Mas, continuava linda. A mesma ruiva balzaquiana, cujo corpo incendeia meus instintos. Como uma verdadeira Vênus de Milo de seios fartos, valorizados pelos belos decotes de seus vestidos. O mesmo olhar penetrante; profundos olhos amendoados. Os mesmos olhos dissimulados de outrora roubaram minha inocência de mancebo.

Ela foi minha prima musa, mio primo amore (meu primeiro amor), na noite mais extasiante que vivi, num encontro à surdina, num dos quartos do Moulin Rouge. Naquela noite me entreguei ao gozo da paixão de minha *prima donna*, em várias posições amorosas. Entretanto, a mais famosa, a posição missionária não me permitiu. Recusava-se à submissão no ato carnal, sempre recitando, em latim, as falas de Lilith, primeira mulher do Éden, a Adão: *Cur ego sub te jaceam? Cur a vobis dominabitur? Sed etiam terrenus sum et ideo tuus sum aequalis*. (Por que eu devo deitar-me embaixo de ti? Por quê ser dominada por você? Contudo, eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual.)

Foi a primeira e única noite que tivemos. Pois, no seguinte dia, Camille dirigiu-se a Marselha para casar com longo industrial endinheirado. Assim, a última dama da tão falada canastra tornou-se senhora respeitada, aceita e tolerada. Afinal, o dinheiro comprou-lhes novas vidas.

A restou-me as lembranças e dois cortes pequenos em meu pulso direito. Não acreditei na intensidade da força do desejo de Camille. No dia seguinte acordei fraco e muito pálido, acredito eu devido à noite de amor e também pelo sangramento. Mas, a maior ferida esteve em m'alma com sua partida, curando-se apenas com a chegada de Cristina a minha vida. Minha esposa foi como Eva, ao chegar no Éden, dando a Adão nova vida.

Mas, ao ver Camille, uma nova chama de paixão e desejo parecia arder-me por dentro. Pensava eu apenas na promessa que fiz a minha mulher. Mas, apenas uma troca de olhares com minha prima donna, tudo desaparecia, era como se o tempo parasse, numa distorção de minha razão.

Mesmo crendo no amor, nunca fui *un romântico appassionato* (um romântico passional), como diziam os napolitanos. A racionalidade sempre tinha primazia em minhas ações, mas com Camille tudo se alterava. Parecia que minhas ações perdiam a lógica. Ah, seus olhos, seus lindos cabelos vermelhos, seu decote extasiante, apenas Camille. Seria esse um feitiço das damas da canastra? Como Lilith, ela, ao longo de todos esses anos de distância, tornara-se a dona de minhas poluções noturnas, num universo paralelo de sonhos ardentes.

Num repente, Camille se levante e antes de sair do velório, entregou-me um bilhete, sussurrando-me ao pé do ouvido a frase:

— Encontre-me neste endereço às 22hrs. Apesar de termos seguido por caminhos distintos, nunca te esqueci Angelo, meu menino anjo que tirei a virgindade. Devo a você uma explicação.

Após dito isto, saiu, desaparecendo pelas ruas parisienses.

Ah, parecia um sonho, num *locus amoenus*. Quantas vezes sonhei em revê-la, tê-la novamente em meus braços, entregando-me a essa paixão lancinante. Porém, apenas ir encontra-la, fala-lhe, entender o motivo de ela ter me abandonado, seria uma traição para com Cristina? De um lado tinha a pura das mulheres, a quem deveria protegê-la, como Adão fez a Eva. De outro, a mais misteriosa paixão, Camille, minha Lilith. E agora Angelo? Interessante que o velório de Henri se tornara assunto secundário. Pobre Henri, bom amigo, que descanse em paz. E pensar que fora ele o responsável por meu enfado destino. Afinal, ele que me apresentou Camille.

Pouco antes das 22hrs, buscando a sabedoria de Minerva, decidi ir ao encontro de Camille. Precisava saber os motivos da mesma ter me abandonado.

Ao aproximar-me do endereço marcado, vi Camille de costas ao longe, porém um pároco aproximava-se dela. Ao longe vi o mesmo aproximar-se com um crucifixo, água benta e uma espada, dizendo em voz alta as seguintes palavras, num ritual que parecia ser um tipo de exorcismo:

— Em nome de nosso senhor, eu te excomungo, filha das trevas. Que volte ao inferno de onde nunca deveria ter saído, alma perdida.

Após os dizeres, o mesmo jogou água benta em Camille. O líquido parecia queimar sua pele como fogo. Os olhos de Camille não eram mais penetrantes. Agora apenas transpareciam medo, pavor ao sacerdote. Em sua boca podia ver também presas pontiagudas. Não podia acreditar no que via. Minha prima donna era uma vampira. Pude compreender naquele instante os cortes em meu pescoço no dia seguinte a nossa primeira noite.

O sacerdote, vendo o enfraquecimento de Camille, dirigiu em direção da mesma com a espada. O que deveria fazer? Apesar assistir de longe como mero expectador ou intervia para salvá-la?

Não, a razão não mais me pertencia. Corri em direção ao pároco, atacando, num embate corporal. Porém, nesse embate, num momento de descuido meu, o mesmo feriu-me mortalmente na região do abdômen com a espada.

Ao sentir o golpe, apenas buscava Camille, mas não a encontrava. Numa dor estonteante, ajoelhei-me no chão, vindo o sacerdote em minha direção para dar o golpe de misericórdia. Todavia, antes que pudesse consumir minha eliminação, num vulto em velocidade sobrenatural, Camille o agarra, rasgando sua jugular, findando com a existência do clérigo.

Vendo que eu estava ferido de morte, Camille corre a meu encontro, dando-me seu colo quando fui desfalecendo. Ela desesperada com a situação me disse:

— Não, você não meu Angelo, meu menino. Por quê quis me salvar? Você, a mais doce das criaturas quis salvar uma alma perdida como a minha.

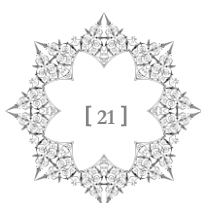
Eu disse:

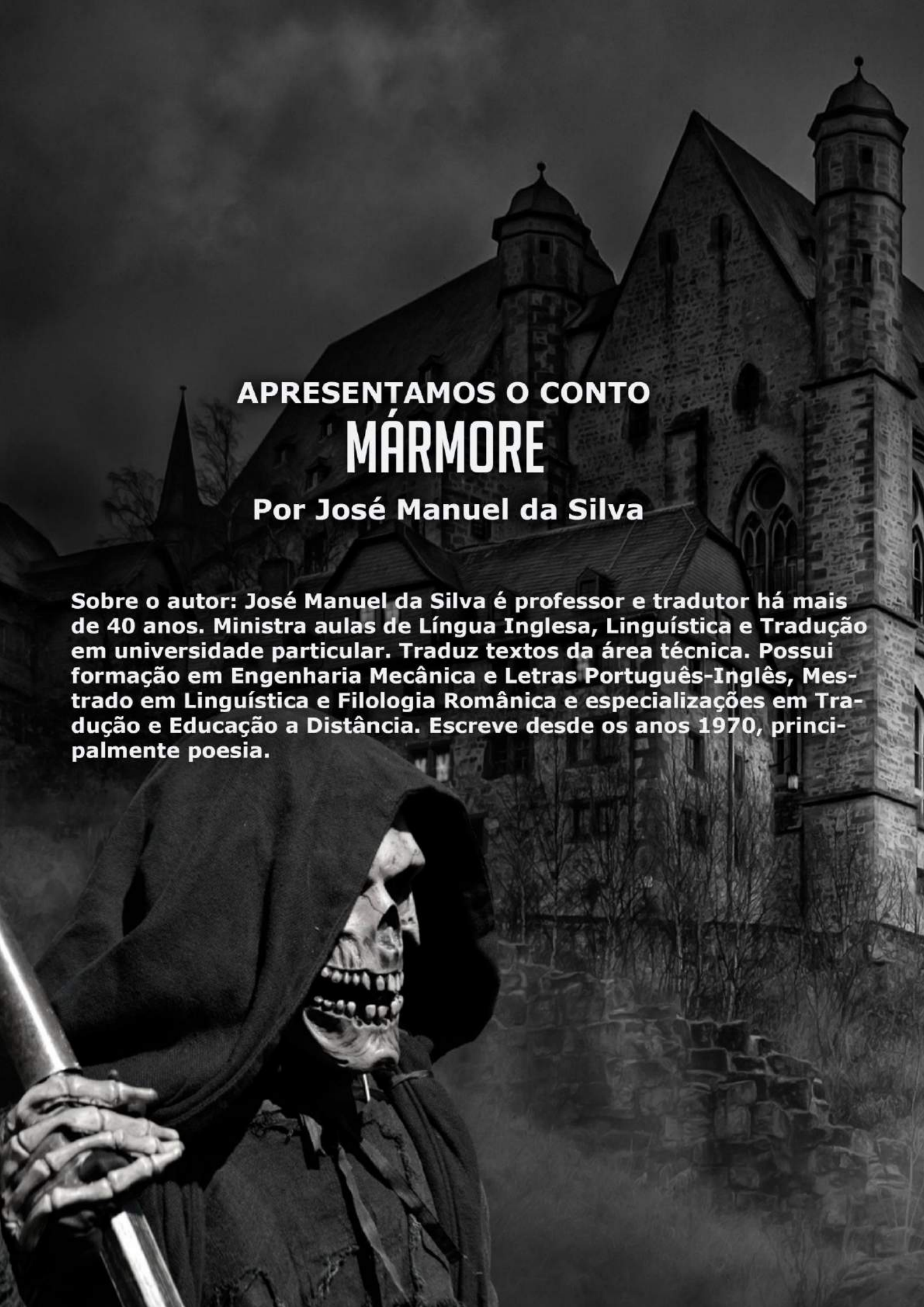
— Eu nunca esqueci você, minha *prima donna*. É pecado meus sentimentos por você? Guardei sua imagem no canto mais oculto de meu ser. Como é a vida cheia de surpresas. Seu rosto será as últimas imagens que meus olhos verão nessa vida. Como disse Byron, é mais fácil morrer por uma mulher do que viver com ela.

Ela me interrompe:

— Angelo não precisa ser assim. Eu posso te dar uma nova chance, o dom de uma existência, que vai além da condição mortal. Uma vez tentei dar-te o beijo da vida, mas não pude. Não consegui fazer isso sem seu consentimento. Agora meu amado, a escolha está em tuas mãos.

O ápice da existência humana, a morte, tida por muitos como o caminho sem volta, estava agora em minhas mãos. Qual decisão deveria tomar? Quem escolher ser fiel a Eva ou entregar-me ao beijo de Lilith? Eis a escolha de Adão!





APRESENTAMOS O CONTO MÁRMORE

Por José Manuel da Silva

Sobre o autor: José Manuel da Silva é professor e tradutor há mais de 40 anos. Ministra aulas de Língua Inglesa, Linguística e Tradução em universidade particular. Traduz textos da área técnica. Possui formação em Engenharia Mecânica e Letras Português-Inglês, Mestrado em Linguística e Filologia Românica e especializações em Tradução e Educação a Distância. Escreve desde os anos 1970, principalmente poesia.

A praça era parte de sua rotina diária, após as aulas. Professor universitário, às sextas-feiras terminava por volta das dezoito horas, pegava o ônibus, saltava perto de casa, sentava-se em seu restaurante costumeiro, tomava sua primeira caipirinha — o total sempre variava — pedia uma porção de provolone à milanesa — também a primeira de várias — atualizava-se pelo celular e ficava lendo algum livro até fechar o estabelecimento.

Muitas vezes, divagava, pensava em diversas coisas, escrevia, divagava novamente, pensava mais um pouco... Os garçons o conheciam como "o professor" e não mais estranhavam seu comportamento, visto que sempre consumia, tratava todos bem, conversava bastante e, a bem da verdade, aquela noite da semana não era tão movimentada assim. Ficar ali era um daqueles prazeres pelos quais pagamos como forma de relaxamento, de não ter um surto psicótico com a rotina de trabalho, estudo e, acima de tudo, do desgoverno do país. Saía de lá mais relaxado, andava até seu prédio, lia mais um pouco e dormia, pois sábado era dia de encontrar a namorada, que trabalhava em outra cidade e só chegava sábado pela manhã. Voltaremos a ela, feliz ou infelizmente, mais à frente.

O que nos interessa aqui é o local, ou melhor, um detalhe do local, mas calma, tudo a seu tempo. O restaurante ficava numa praça. A rigor, na esquina de uma rua que desembocava na praça. No centro da praça havia uma escultura em tamanho natural de uma mulher vestida com uma túnica transparente. Mármore. Tudo em estilo grego clássico. Suas pesquisas indicavam algo próximo ao século II a.C. Longilínea, seios médios perceptíveis sob a túnica, cabelos curtos, de uma beleza singela e sensual. Muito sensual. De onde se sentava no restaurante — tinha uma espécie de lugar cativo no local — via a estátua em toda sua plenitude; seu rosto estava voltado para o restaurante, e era como se o encarasse do ângulo de onde estava. Sorria para ele? Bem, voltaremos a isso também.

Já lhe dedicara alguns poemas, alguns amorosos, outros mais carnavais. Era realmente uma bela obra de arte. E uma bela mulher.

Nesta noite, em particular, um dos garçons o surpreendeu admirando a estátua e interrompeu seus devaneios:

— Quem me dera ter uma mulher dessas.

Ele sorriu e complementou:

— É... ela é bem bonita mesmo. — Ao que garçom prosseguiu:

— Será que ela existiu mesmo?

Quando ia responder ao garçom, sentiu uma pontada no cérebro e foi como se "ouvisse" algo como *é claro que existi*. Atribuindo a "resposta" à bebida, disse:

— Pela inscrição que está lá, foi uma deusa grega, mas não dizem o nome. Já tirei uma foto, pesquisei e não encontrei nenhuma informação.

— Então deve ter sido invenção de quem construiu — concluiu o garçom, afastando-se.

Deusa grega porra nenhuma. Invenção é o caralho, ouviu nitidamente uma voz um tanto áspera de mulher "falando" em sua mente. Não bebia demais, mas aparentemente hoje já deveria ter exagerado; estava ouvindo vozes. Alucinação auditiva? *Claro que não; sou eu mesmo*, ouviu a mesma voz explicar.

Sorriu, constatando que definitivamente estava mais alto do que o comum. Pensou, brincalhão: *deve ser a estátua falando comigo*. E ouviu imediatamente: *é claro que sou eu; quem mais poderia ser?*

Bem, algo incomum estava acontecendo, sem dúvida. Olhou para a estátua. Imóvel e impassível. Como sempre. Dando asas ao que reputou como algum efeito inebriante da bebida, deu prosseguimento à tal "conversa" interior: *só para eu entender, a estátua está conversando comigo; é isso mesmo?*

Sim, é isso mesmo. E pode me chamar de Sophia, com pê agá. Era meu nome quando era viva.

As coisas estavam acontecendo rápido demais. Não se sentia alcoolizado, ainda estava de posse da razão, mas definitivamente algo estranho estava se passando. Enquanto tentava digerir mentalmente o que acontecia, "ouviu": *você não queria conversar comigo?*

Eu? — "ouviu-se" perguntando internamente.

Você mesmo. Está até em um dos seus poemas: "quem me dera poder conversar com tão bela mulher / saber o que a trouxe a esta cidade / saber sua idade / beijar esses lábios / do amor tão sábios". Já li coisas melhores, mas confesso que gostei. Me senti mulher.

Sobressaltou-se de tal modo que quase caiu da cadeira. Sim, eram versos de um poema de sua autoria, escrito para ela! Naquele mesmo lugar. *Mas como é que você pode saber disso?* — perguntou em pensamento.

O processo seria longo de explicar; quem sabe outro dia. Mas como sou a imagem de quem me fez, sabe-se lá onde me viram, tenho vida. Não a vida que você conhece; de

outro tipo. Percebo tudo a meu redor. Sinto como sentia em vida. Reajo. Choro. Rio. Gozo. Mas tudo isso acontece aqui dentro da pedra. Faz tempo que sinto seu interesse em mim. Sempre que isso acontece, desenvolvo uma espécie de contato com a pessoa. Só que pouca gente se conecta. Você conseguiu. Parabéns. — E soltou uma gargalhada.

Então você sabe de tudo que já pensei sobre você? — indagou.

O que já pensou, o que já fez, aqui e fora daqui. Bem safado você, se masturbando pensando em mim — outra gargalhada. — *O contato é prolongado e inquebrável. Faz parte da magia —* explicou ela.

Que magia?

É melhor você tomar mais um gole disso aí. Ou vários. Não sei se está preparado para o que vou contar.

Sem saber por quê, obedeceu. Alguns goles e o pedido de mais uma caipirinha depois — bem forte! — pensou a ela: *Vai, manda.*

Essa merda aí embaixo da estátua está errada. Não fui deusa coisa nenhuma. Fui sacerdotisa de uma sociedade secreta da Grécia. Éramos um grupo de mulheres que ajudavam outras mulheres. Hoje, aqui, vocês diriam que seríamos feministas. Mas a gente pegava pesado. Defendia as mulheres. E normalmente a gente matava os filhos da puta que sacaneavam elas. Elas vinha, pediam, a gente avaliava e tomava a decisão adequada. Naquele tempo, a força do pensamento era foda.

Você é bem desbocada para uma sacerdotisa — pegou-se pensando.

Isso é porque vocês agora endeusam as sacerdotisas. Éramos mulheres comuns, como quaisquer outras. E voltando, antes que você comece a falar de deusas: essas porras nunca existiram; era tudo invenção pra movimentar as massas. A gente treinava pra agir a distância. Poder mental, somente.

Ele não pôde se furtar a concluir: *magia negra.*

Outro erro de interpretação, mas, como faz muito tempo, vou deixar passar. Chame do que quiser.

Depois daquela noite, as conversas continuaram ininterruptamente. No restaurante, na rua, no ônibus, no metrô, em casa, no banho, durante as aulas. O problema começou quando estava junto com sua namorada. Viram? Voltamos a ela.

Estivessem comendo, assistindo a filmes, cozinhando, no cinema, fosse onde fosse, Sophia se intrometia, dava palpites, comentava, xingava a namorada, elogiava, a ponto de ficar difícil para ele se controlar e não começar a conversar com ela (Sophia, claro). Mas o

divisor de águas aconteceu numa noite em que fizeram sexo (ele e a namorada, claro). Foi um sexo bom, intenso, cansativo e prazeroso. Ela (a namorada) acabou dormindo. Ele não. E foi quando a ouviu dizer (Sophia, claro): *foi bom mesmo, né?*

Muito. Nossa.

Comigo seria infinitamente melhor — disse Sophia.

Tá, como se a gente pudesse fazer sexo — admirou-se ele.

Poder, a gente pode, mas a relação entre o mármore e a carne tem custos. Você não estaria pronto para isso — disse ela.

Não deu prosseguimento à conversa, talvez por intuir algo perigoso na continuação, mas num outro dia voltaram ao assunto. Por incrível que pareça, ele estava afeiçoado à estátua, à conversa dela, a alguma coisa que não sabia explicar. À mulher que a estátua representava? Disse isso a Sophia. E disse também que gostava da namorada, que um dia, provavelmente, viveriam juntos, mas que estava dividido: fosse Sophia real, não teria dúvidas de com quem gostaria de passar o resto de sua vida. Pensou isso e riu internamente, pois como poderia estar apaixonado — sim, estava! — por uma mulher de mármore.

Na verdade — contemporizou Sophia — não é bem assim. Nossa relação é real, só que não é física, concreta. Mas a relação existe, você sabe disso; sente isso.

Sim, sentia.

De qualquer forma — continuou ela — isso pode ser arranjado. Se a sua namorada não existisse...

Na hora, não deu crédito a suas palavras.

Entretanto, surpreendeu-se ao receber o telefonema do hospital comunicando que sua namorada sofrera um acidente e não resistira aos ferimentos. A família já fora avisada e o velório seria no dia seguinte.

Imediatamente, "chamou" Sophia: *Cadê você? Foi você que fez isso? Que porra é essa?*

Ela era um estorvo. Estava nos atrapalhando, impedindo nosso amor.

Estava possesso: Você é louca? Você é uma estátua! Não existe. Você só existe na minha cabeça. Devo estar louco por ficar conversando com você. E agora ela está morta. Você não teria poder para isso.

Ah, mas poder eu tenho. Pra isso e muito mais. Podemos ficar juntos para sempre. Sei que você me ama. E você sabe que te amo igualmente. Você quer?

Não respondeu. Aquilo tudo já passara dos limites. Daria um basta naquelas "conversas" insanas.

Passou algumas semanas sem ir ao restaurante, evitava pensar em Sophia, e, coincidentemente, ela não se manifestara mais. Melhor assim. Sentia falta da namorada. Era uma boa companhia, tinham um bom relacionamento, uma boa conversa, sem falar no sexo, que sempre fora excelente. Pensava em sair com outras mulheres, mas evitava. Não queria substituir a namorada por qualquer mulher só por carência.

Certa noite, sem uma explicação plausível, chamou por Sophia: *você está aqui?*

Sempre — ouviu a resposta.

Sempre?

Sempre. Em todos os lugares.

E por que não fala comigo? — perguntou ele, um tanto sentido.

Estava respeitando seu luto e seu silêncio.

Sinto a sua falta — confessou ele.

Eu sei. Eu também. Queria estar mais próxima.

Isso é possível? — indagou ele, duvidando das possibilidades.

Sim, é. Mas como já disse outras vezes, tem custos. Irrecuperáveis — explicou Sophia.

O amor, o verdadeiro amor, dizem, não tem limites nem explicações racionais. Talvez por isso voltaram ao assunto outras vezes (sim, as conversas já tinham voltado, intensas e prazerosas, a toda hora do dia e da noite, em qualquer lugar). Tinha um bom emprego, uma vida razoável, só não tinha mais a pessoa de quem gostava. Parecia estar pronto a desbravar mares novos e desconhecidos.

Então é possível ficarmos juntos? — perguntou um dia a Sophia.

Sim, é — respondeu ela.

Mas como seria isso? Vamos poder conversar? Interagir? E o sexo?

Sim — explicou ela — *seria tudo como se estivéssemos juntos. Sensações, sentimentos, sons, tudo. E o sexo seria maravilhoso.*

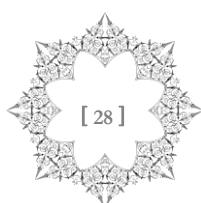
Isso é muita loucura.

Sim, é. Mas já foi feito antes.

Por você? — perguntou ele, com uma ponta de ciúme.

Não, pois uma vez feito é por toda a eternidade. E eu nunca senti por ninguém o que sinto por você.

Durante anos tentaram explicar o aparecimento daquela estátua masculina ao lado da outra naquela praça. Estratégia de *marketing* de alguma empresa? Algo sobrenatural? Os garçons até hoje especulam sobre o paradeiro do "professor". As estátuas riem, comentam, sabem de tudo. Mas ninguém vê. Nem ouve. Nem sente.





APRESENTAMOS O CONTO O PÁSSARO

Por José Manuel da Silva

Sobre o autor: José Manuel da Silva é professor e tradutor há mais de 40 anos. Ministra aulas de Língua Inglesa, Linguística e Tradução em universidade particular. Traduz textos da área técnica. Possui formação em Engenharia Mecânica e Letras Português-Inglês, Mestrado em Linguística e Filologia Românica e especializações em Tradução e Educação a Distância. Escreve desde os anos 1970, principalmente poesia.

A princípio era somente um daqueles sons matinais bem-vindos quando se acorda. Um cantar dentre tantos outros em meio aos pássaros da região. Aos poucos, percebeu que era um canto diferente, mais, digamos, personalizado, embora não soubesse explicar muito bem o que isso queria dizer.

Mudara-se para um local afastado — longe da cidade, bastante isolado, quase roça — por diversos motivos: aposentara-se, cansara-se da chamada "cidade grande", a esposa morrera, os filhos estavam casados e tinham sua rotina... Resolveu viver o resto de sua vida mais isolado. Mas havia outro motivo, que nem mesmo ele admitia facilmente: queria fugir do passado.

E, sem saber muito bem explicar o porquê, o tal canto do pássaro trazia algumas coisas de volta à memória. Não sabia bem o que era, mas era um canto diferente, como se fosse dirigido a ele. Bobagem, provavelmente, mas era assim que se sentia quando acordava e o ouvia.

Certo dia, resolveu identificar o autor daquele canto peculiar. Assim que o ouviu, abriu a janela, sentou-se e ficou observando. Como se fora chamado, um pássaro colorido e de tamanho razoável pousou no peitoril. Encararam-se mutuamente por alguns segundos, e, embora não tivesse ainda emitido qualquer som, sabia que era ele. Por alguma razão inexplicável, *perguntou* ao pássaro: *então, é você?* A resposta foi o canto que já conhecia: um canto longo e melodioso, agradável, ao fim do qual pareceu-lhe ouvir algo como *sim, sou eu*.

Com a vida que levava, poucas coisas o espantavam, mas supor ter ouvido um pássaro *falar* era uma daquelas poucas coisas. Sem ter o que dizer, continuou olhando a ave, até que, agora distintamente, a ouviu dizer: *fazia tempo que o procurava; temos muito que conversar*.

Atônito, só conseguiu perguntar: *como assim?*

A resposta parecia vir diretamente ao cérebro. Talvez quem estivesse perto continuasse ouvindo o canto de um pássaro, tão somente, mas ele ouvia distintamente palavras, frases, discursos completos. Não havia dúvidas: o pássaro falava com ele. *Tenho coisas a dizer, coisas de que você não vai gostar... Mas é a hora*.

Hora de quê, ouviu-se perguntar em voz alta.

A resposta o fez levantar da cadeira e quase perder o equilíbrio: *hora de acertar as contas*.

Esta era a frase que usava invariavelmente ao começar um interrogatório em seus tempos de militar. Interrogatório naqueles tempos era um eufemismo para tortura, da qual poucos e poucas saíam vivos. Na melhor das hipóteses, saíam com sequelas físicas e emocionais. Viveriam, dependendo do que se define como viver.

Exato, ouviu o pássaro continuar dentro de sua mente, vim cobrar todo o mal que você fez.

— Que mal? — ouviu-se perguntar, espantado. — Eu fazia o meu trabalho; defendia a pátria, a moral e os bons costumes.

Isso era o que você achava que fazia, continuou o pássaro, *mesmo tendo sido advertido para estar fazendo o que não devia. Veja só.*

Sem saber como aconteceu, viu imagens percorrerem seu cérebro, imagens de que outrora tinha orgulho, mas que agora lhe pareciam estranhas. Uma dúvida incômoda acometeu-o: *e se eu estiver errado mesmo?* Mas não podia ser; deveria estar alucinando.

Está, sempre estive, interrompeu o pássaro, como se estivesse lendo seus pensamentos.

— Impossível, você é só um pássaro, estou ficando louco, deve ser a idade — disse em voz alta.

Será que sou mesmo só um pássaro?

E neste momento, o pássaro voou para dentro do quarto, pousou na cama e a transformação começou, para admiração do homem, que, incrédulo, tudo observava de pé, paralisado. No final, havia uma bela mulher nua, deitada de costas, pernas abertas, sorrindo e convidando o homem para que se deitasse sobre ela: *agora vou te mostrar uma coisa que você nunca vai esquecer.*

O horror o paralisou por inteiro: isso era o que costumava dizer quando o *interrogatório* chegava a um ponto crítico, antes de estuprar o corpo quase sem vida, homem ou mulher, ou antes de desferir o golpe final, sempre sangrento e doloroso. Curiosamente, lembrava-se agora: esses momentos sempre lhe davam uma ereção, ereção essa que precisava resolver com quem estava interrogando; era seu melhor gozo, sempre. Gozar e matar. Este era seu lema interior. Que ninguém conhecia.

A mulher sorria para ele, e notou que estava nu e com o pênis ereto. Como nos velhos tempos. Quis fugir, mas algo o atraía para aquela mulher. Enquanto a penetrava com fúria, passaram-lhe pela cabeça cenas das quais lembrava como se fosse hoje: estupros, sevícias, pancadas, choques elétricos, navalhadas, gritos horrendos de dor,

pedidos de perdão, súplicas, choros compulsivos, xingamentos, ofensas, tudo que lhe dava prazer naquele tempo. Sentiu saudades. Seu gozo foi de nostalgia. De satisfação. De dever cumprido. Ou não?...

Levanta, se conseguir, disse a *mulher*, com um sorriso atroz. Outra das frases que usava, antes de pedir a um subordinado para *descartar* o corpo sem vida. Não levantou. Não conseguiu. Só sentiu que seu corpo era picado, comido, retalhado pelo pássaro; não, por vários pássaros. Não havia mais mulher, só o bando de pássaros a devorá-lo. E, no peitoral, a ave que começara tudo aquilo.

Já sem forças, conseguiu perguntar:

— Quem é você, afinal?

Ah, já tive muitos nomes, respondeu o pássaro. *Mas, na verdade, não sou ninguém; sou só você mesmo e tudo que fez. A conta sempre chega. Acompanhe.*

A partir daí viu cenas que presenciara ou de que fora o autor. A cada cena, uma parte de sua carne era arrancada. Urrava de dor, pedia clemência. Em dado momento, o pássaro falou: *vai pedir pra parar? Não aguenta mais? Esperava mais de você*. Mais expressões que usava para supliciar ainda mais seus torturados.

Chegou ao ponto de ver sua filha sangrando, enquanto era possuída por diversos homens. *Lembra dela?* — perguntou-lhe o pássaro. — *Você não sabe disso, mas sua mulher sabia de tudo. Por isso tirou a própria vida. Não conseguiria conviver com você, a quem um dia chamou de marido.*

Com essa revelação, que não era bem uma revelação, visto que suspeitava de tudo, chegou a verter algumas lágrimas. De culpa?

Você matou a própria filha, e sentiu prazer nisso.

— Ela estava no caminho errado — gritou para o pássaro. Ou para ninguém, caso alguém estivesse observando a cena.

E quem é você para falar de caminho certo ou errado? Você teve amantes, torturou, estuprou e matou, ou seja, tirou a vida de outros, roubou, achincalhou, desviou dinheiro, foi conivente com muita coisa de ruim, foi juiz e executor, desrespeitou as leis e fez justiça com as próprias mãos. Quem é você para falar de certo e errado? E ia à igreja! Que tipo de religioso é você? Condenava os "diferentes", mas gozava com homens e mulheres. Infligindo dores excruciantes. E crianças!

— E quem é você? — perguntou, irônico. — Deus?

Se fosse Deus, não estaria aqui. Teria coisas mais importantes para cuidar. Pessoas mais importantes para questionar. Não estaria cuidando do lixo humano. Pena que não teremos tempo, mas gostaria muito de saber quem é esse Deus de quem você tanto falou em vida. Um ser bastante peculiar. Pelo menos pela sua interpretação.

— Então só pode ser o demônio.

Se você quiser... Mas tem certeza de saber quem é o verdadeiro demônio? Mesmo depois de rever tudo que fez? Quem é o demônio, senão nós mesmos? Pense nisso nos poucos momentos que ainda restam. Que tal me chamar de consciência?

Ficou em silêncio, enquanto continuava a ser cruelmente devorado, pedaço a pedaço.

Ficou sem palavras?

Mais uma de suas frases nos áureos tempos.

Seu corpo já era um amontoado de pele rasgada, ossos perfurados e músculos estripados, mas, por algum motivo, ainda conseguia pensar. Pensar? Talvez algum reflexo condicionado do cérebro, nada mais.

Preciso te dizer uma última coisa. O tempo está acabando.

— O quê?

O que você está sentindo agora, a dor, essa dor lancinante, não é nada em comparação ao que está por vir. As últimas lembranças vão doer mais do que esse castigo físico. Até você morrer, você vai querer ter morrido faz tempo.

— É mesmo? — perguntou, sarcástico.

Ah é, sim. A dor da dúvida é maior do que qualquer dor física. E quando se trata da dor de uma existência inteira, ela é ainda mais intensa. E insuportável. Mas você logo vai constatar isso.

Se lhe perguntassem, não saberia dizer quanto tempo sofreu. Horas, dias, meses, anos, toda uma existência?

E aí? Cansou?

Conseguiu sorrir antes de morrer, ao ouvir a frase que usava para dizer aos corpos inertes que tinham razão de estarem ali onde os maltratara. Que fizeram por onde acabarem ali. Entretanto, morreu com dolorosa incerteza a respeito da validade de toda sua existência. Morreu em sofrimento. Morreu em dúvida. E morrer em dúvida é o pior castigo para quem errou em vida. A constatação do erro, ou do possível erro, é infinitamente mais dolorosa do que qualquer dor impingida ao corpo físico.

Quem estivesse por perto afirmaria que o pássaro sorriu neste momento. Absurdo, diriam. Mas foi assim.

Dias depois, os veículos de imprensa falariam do estranho caso do ex-torturador encontrado ensanguentado em sua própria cama, ao que tudo indicava, vítima de um bando de pássaros raivosos, fato nunca visto naquela região. Nem os biólogos explicavam. Fato nunca visto por qualquer pessoa comum, evidentemente. Mas sempre existe alguém que já presenciou fatos que ninguém mais presenciará. Que ninguém mais saberá explicar.

Um sobrevivente dos anos de chumbo, que morava por perto, no entanto, ao ler o jornal, não pôde se furtar a comentar com a neta: *conheci esse cara*.

— Amigo seu, vô?

— Não. Só conheci de passagem — desviou ele. — Veja, minha neta, como o mundo dá voltas: ele estava tão próximo, e não precisei fazer nada...

— Como assim, vô?

— Nada, só aprenda isso: a conta sempre chega. Para um lado ou para o outro.

— Ih, vô, agora você começou a falar como sempre fala e ninguém entende. Vou pegar chocolate, quer?

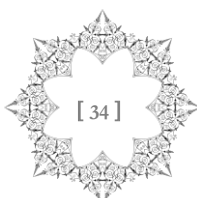
— Quero.

O velho sorriu em sua cadeira de rodas, como se um fardo fosse retirado de suas costas. Olhou para a janela, já sabendo o que veria: o pássaro. Olharam-se em entendimento mútuo. O pássaro cantou, melodioso e pungente, como sempre.

O velho dirigiu seu pensamento ao pássaro: *queria ser como você. Fazer o que você faz*.

Quem sabe um dia — devolveu-lhe a ave. — Você ainda é movido pela vingança, compreensivelmente, e não pela justiça. Mas fique tranquilo, somos parceiros de jornada. Daqui em diante, você estará sempre a par do que eu fizer. Eu e meus amigos. Nossos amigos.

Depois que a neta voltou, enquanto degustava o chocolate, disse: o passarinho está de volta; e parece que só começou a trabalhar. A neta não entendeu, mas entenderia um dia.





APRESENTAMOS O POEMA **A ILUSÃO DA MORDIDA**

Por Kátia Surreal

**Sobre a autora: Kátia Surreal é a mãe da gata Bibi, nascida numa lua de sangue, sexta-feira 13 de julho de 1986. Autora do livro "Grações hiperbólicas" (Brunsmarck) e do blogue Fugere ad Fictem, membro da Academia Independente de Letras, militante da CMI, professora, com formação em Letras (UFRJ, UFF e Uerj). Contatos: https://www.instagram.com/katiasurreal_
<https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com>**

ele vem pela brecha da janela entreaberta
ele vem pelas sombras da cidade em pompa

ele vem lá de Roma
com suas negras capa e roupa
e aroma

quem escapa do sedutor vampiro,
que incita ao perigo do feérico amor?

quando dela se exala o odor do lodo que a puxa para o chão
na dura sina do corpo

quando a lua congela e aprisiona o feminino espírito
na solidão da madrugada

de repente, vem esta maldita alma condenada
voando feito morcego
tirando-lhe o sossego

na melancolia fria do quarto em farrapos
ela se entrega à maldição
de tal ser humanamente corporificado
tudo ilusão...

cálida presença que cala o sussurro da solidão
tudo ilusão...

na madrugada fria,
a princípio,
ela nem desconfia...

só que nunca a nuca nua sugada

teve o auge do tesão
tudo ilusão...

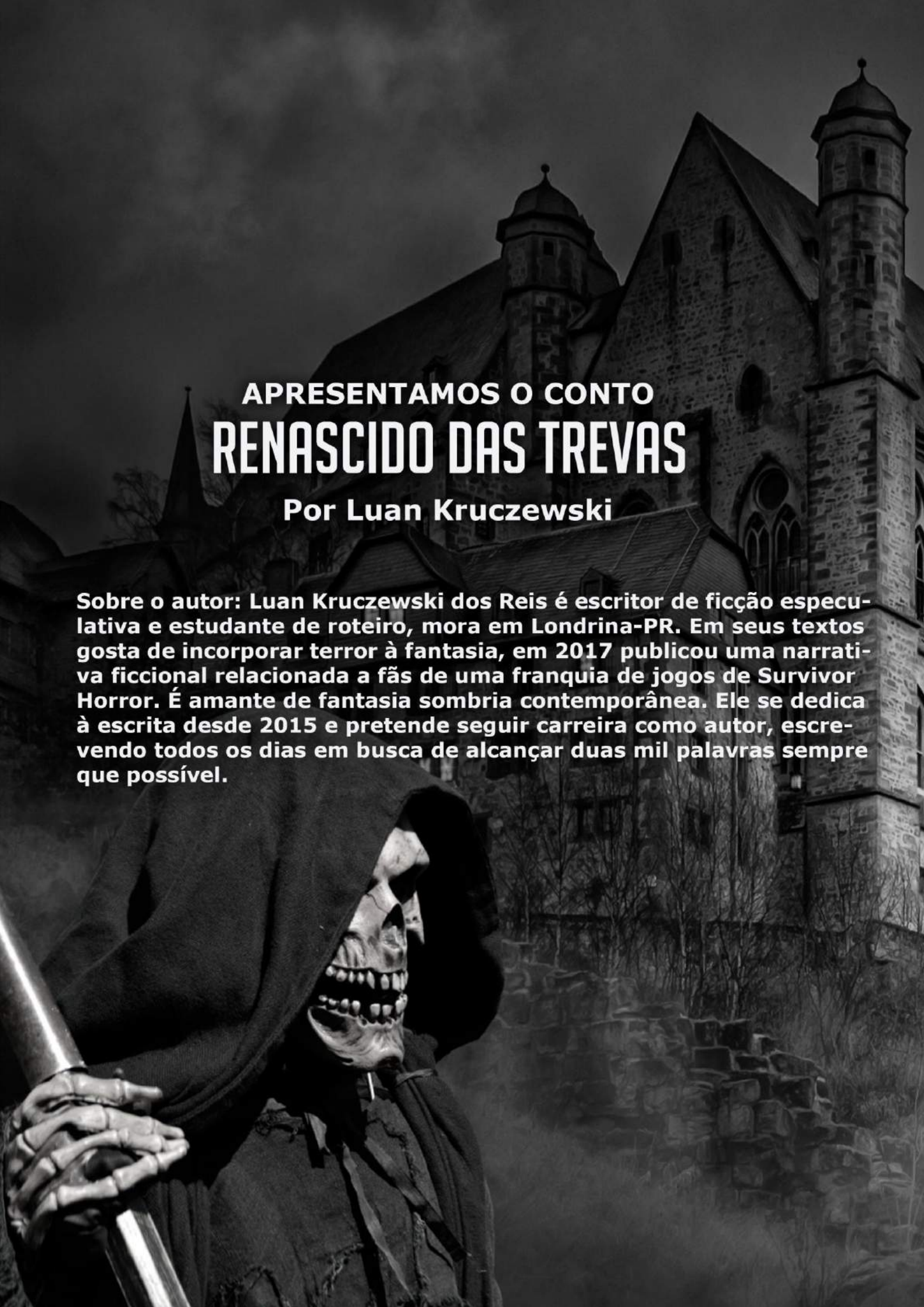
e o corpo, como folha vencida,
toda noite só secava, murchava
mais e mais
à espera da última mordida
vinda pela janela
na madrugada sombria

veja só o que foi feito dela!
maldito vampiro
que nem converte o frágil espírito à sua natureza
apenas seduz, provocando arrepios
sob a sombra invertida de uma cruz
falsa beleza!

sugado o grito
sangra o silêncio do rito
nos ponteiros da espera
as horas desfiguram o rosto da menina
assombro da paixão demoníaca
que ansiava pela ilusória mordida
até o fim da vida

oh, moça tísica condenada
à espera de um vão prazer!
tudo por nada
nas brumas da madrugada
ilusões do querer.





APRESENTAMOS O CONTO **RENASCIDO DAS TREVAS**

Por Luan Kruczewski

Sobre o autor: Luan Kruczewski dos Reis é escritor de ficção especulativa e estudante de roteiro, mora em Londrina-PR. Em seus textos gosta de incorporar terror à fantasia, em 2017 publicou uma narrativa ficcional relacionada a fãs de uma franquia de jogos de Survivor Horror. É amante de fantasia sombria contemporânea. Ele se dedica à escrita desde 2015 e pretende seguir carreira como autor, escrevendo todos os dias em busca de alcançar duas mil palavras sempre que possível.

Caio Paiva, um homem maligno que em vida tornou-se extremamente violento, conhecido por cometer inúmeras perversidades contra familiares e desconhecidos, chegando a torturar e espancar a própria mãe por motivos banais, foi amaldiçoado a vagar pelas madrugadas invadindo propriedades de pessoas e emitindo sons arrepiantes de almas que gritavam e choravam. As maldades do defunto eram tão grandes que, ao morrer, nem Deus nem o diabo quiseram receber sua alma e a própria terra o repeliu. Como a alma do ser maléfico não foi aceita no céu e no inferno e a terra rejeitou devorar sua carne, o morto retornou ao plano dos vivos, mirrado, dessecado, com o rosto infestado de perebas e com a pele engelhada sobre os ossos, da tumba se levantou, em obediência a seu fado, vagando e assombrando os viventes da região de uma cidadezinha localizada no interior do Paraná.

Como não era morto, o seu corpo não apodrecia, mas, como não era vivo, também não se alimentava. Portanto, a criatura portava uma aparência ressecada, com apenas os ossos e o couro. Unhas e cabelos enormes não paravam de crescer jamais. Além de aterrorizar aqueles que o enxergassem, o monstro também possuía o poder tanto de secar árvores como de sugar o sangue de humanos desavisados em estradas desertas. Um odor de morte se alastrava pelos locais dos quais percorria, seus ossos estalavam a cada passo. O andar bizarro e os murmúrios roucos o deixavam ainda mais macabro.

A uma curta distância de onde situava-se a figura grotesca, o céu escureceu. As trevas dominaram a região, transformando repentinamente o dia em noite. Um estrondo medonho repercutiu no recinto no tempo em que nuvens densas e disformes espalhavam-se cada vez mais. Relâmpagos riscavam a tempestade, a revoada de pássaros necrófagos voou para os ninhos enquanto emitiam berros pavorosos. Mais raios surgiram da obscuridade, um deles destruiu uma árvore próxima de um rústico domicílio. A grande casa da fazenda instalava-se numa elevação que se destacava em meio a ondulada e monótona paisagem de Londrina, sendo a mais alta colina da área. Em seu topo era possível ter uma visão privilegiada dos arredores da cidade. O dono da residência, Vagner Duarte, retirou-se de seus aposentos na intenção de averiguar a ocorrência.

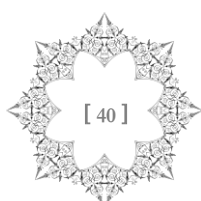
O humilde fazendeiro transitou por parte da estrada de barro que serpenteava em torno da colina, a chuva glacial começava a aumentar. De súbito, cessou os movimentos. Estava paralisado, mãos e pernas trêmulas. Seus olhos arregalados, marejados e vermelhos ficaram estáticos. Vagner avistou o espectro em seu caminhar silencioso, avançando em meio às árvores tenebrosas com suas roupas rasgadas e encardidas. O

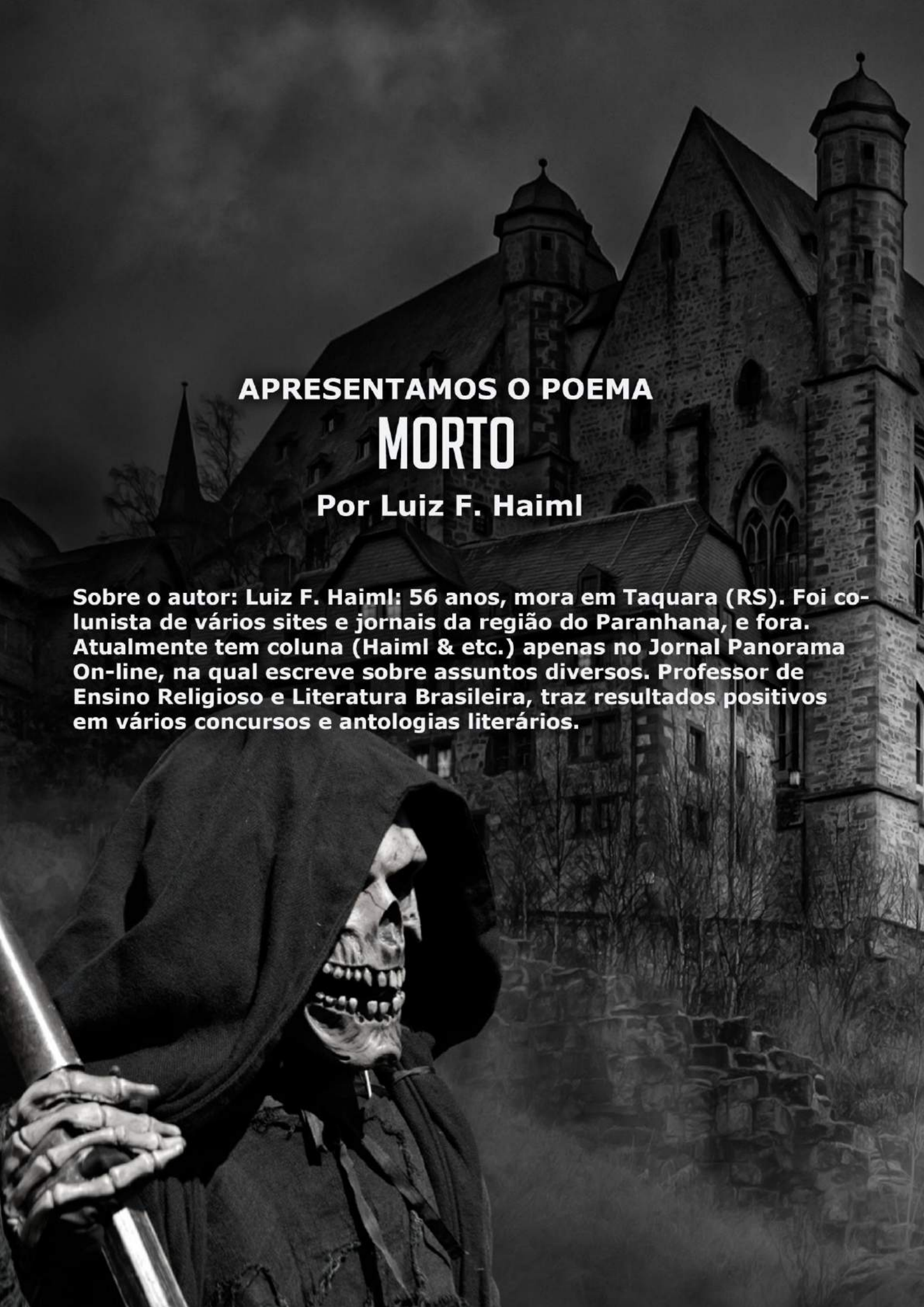
homem regressou em velocidade para sua morada, segurando firme o chapéu de palha em sua cabeça para que o vento gélido da morte não o levasse. O perfume cadavérico do monstro se alastrou diante o cenário umbroso, sua silhueta ressaltava com os flashes dos relâmpagos mediante a escuridão.

Uma sensação perturbadora afligiu Vagner ao faltar palavras para descrever aquela coisa da qual não sabia nomear. Com horror, descobriu que não conseguia abrir a porta, mantinha-se emperrada. A ameaça fantasmagórica estava prestes a alcançá-lo. Tomado por desespero, o fazendeiro se jogou contra uma das janelas da sala, um pequeno gancho de aço penetrou no tornozelo esquerdo. Angustiado, começou a forçar a perna para escapar. Ele se esforçou tanto que acabou urinando ao rasgar os músculos e arrancar a pele que revestia a carne. O gancho saiu pelo calcanhar. Vagner gritou de maneira enlouquecida, mas sentiu o tornozelo livre. Um líquido rubro e viscoso escorreu pelos vãos da janela, a poça de sangue inundou o piso de madeira. Com dificuldade, se levantou, olhou pela janela e o que viu o surpreendeu. O Corpo-Seco havia desaparecido, porém, o som dos ossos estalando continuava a ressoar.

O homem recuou, cambaleando, tentando sem sucesso organizar os pensamentos. O estalo dos ossos se intensificava cada vez mais até que, inesperadamente, a figura sombria e aterrorizante emergiu das sombras e dilacerou o tórax da presa com violência. As cumpridas unhas serrilhadas transpassaram a parte superior do tronco, destruindo a armadura óssea que protegia o coração e os pulmões. As vertebbras da vítima moribunda se contraíram, os movimentos respiratórios aceleraram. Vagner gritou outra vez, um som líquido e borbulhante ressoou ao se debater sem forças enquanto a criatura o rasgava, destroçando-o com a mandíbula encharcada no tempo em que sugava seus fluidos. Jatos agressivos sangrentos macularam o cômodo frio. O ríspido morador agonizou de forma vagarosa, a morte o abraçou no auge de seus trinta anos.

Nos dias que vieram a seguir, policiais foram requisitados para investigar o desaparecimento do fazendeiro. Patrulhas foram levadas ao encontro da localidade fúnebre, e ao entrarem na moradia, constaram o pior. Um cadáver fétido coberto por insetos asquerosos, com pedaços nojentos de cartilagem ao redor. O pescoço havia sido parcialmente devorado, migalhas de ossos por todo ambiente. Eles passaram alguns minutos discutindo sobre o defunto e concordaram em sair da propriedade para chamar reforços, quando... A besta demoníaca manifestou-se, realizando uma investida impiedosa e visceral. O clamor de várias vozes ecoou pelo terreno antes da carnificina ser concluída.





APRESENTAMOS O POEMA MORTO

Por Luiz F. Haiml

Sobre o autor: Luiz F. Haiml: 56 anos, mora em Taquara (RS). Foi colunista de vários sites e jornais da região do Paranhana, e fora. Atualmente tem coluna (Haiml & etc.) apenas no Jornal Panorama On-line, na qual escreve sobre assuntos diversos. Professor de Ensino Religioso e Literatura Brasileira, traz resultados positivos em vários concursos e antologias literários.

estou morto
sob a lustra madeira
do caixão pejoso

estou morto
sob a larga mantilha
do concreto pardacento

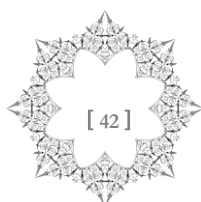
estou morto
sob o lívido mármore
que a tudo isso encobre

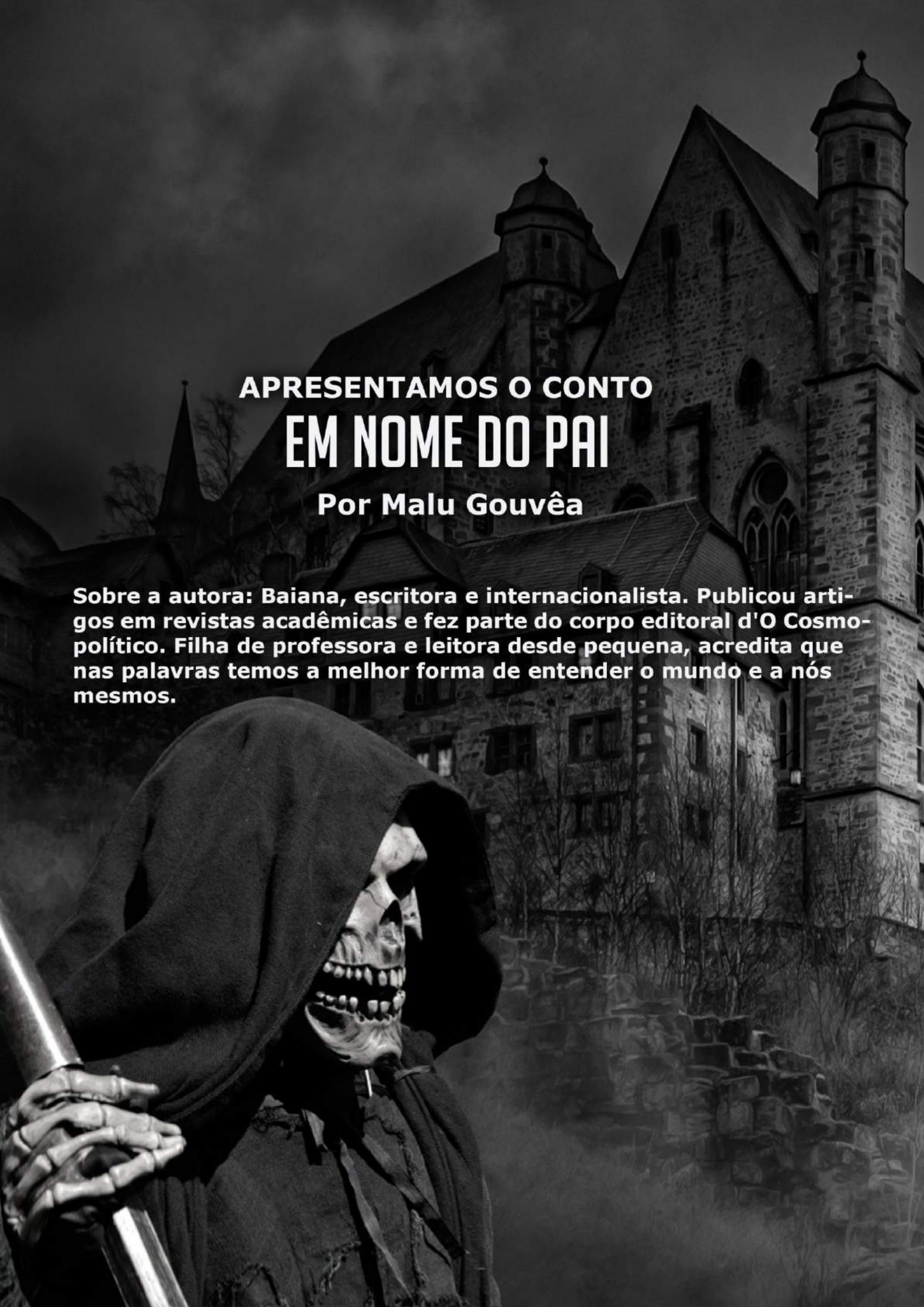
não vejo, nada sinto,
nem o ar respiro,
nesta perpétua carniceira

mas ouço sons...
leves ainda, longes,
no entanto, se aproximam

agora mais perto...
percebo “são vozes”,
cada vez mais próximas

estou morto?
falam-me elas que não,
que darão fim à aberração.





APRESENTAMOS O CONTO EM NOME DO PAI

Por Malu Gouvêa

Sobre a autora: Baiana, escritora e internacionalista. Publicou artigos em revistas acadêmicas e fez parte do corpo editorial d'O Cosmopolítico. Filha de professora e leitora desde pequena, acredita que nas palavras temos a melhor forma de entender o mundo e a nós mesmos.

Comecei a relaxar assim que a infinita fila de caminhões para ultrapassar acabou. Pensando sobre isso agora, acredito que já era o primeiro sinal — a estrada para a Chapada Diamantina sempre está cheia deles. Naquele momento, a calma se mostrou uma oportunidade para colocar os pés no painel do carro e descansar as costas, depois de mais de seis horas de tensão nas ultrapassagens.

Susu também parecia mais tranquila, cantando e tamborilando os dedos de leve na marcha. Como era de costume, meu cérebro ansioso começou a se preocupar com fatos que estavam fora do meu controle, dessa vez com a força do sol e a ausência total de nuvens. Estávamos entrando na época do ano em que o calor contribuía para iniciar ou alastrar incêndios na paisagem semiárida. Analisei o horizonte em busca de colunas de fumaça, encontrando apenas a nossa solidão.

Tínhamos trocado a direção há algumas horas e a minha vez estava chegando outra vez, de forma que decidi tirar um cochilo no tempo que restava. Fui acometida pelo mesmo sonho estranho que me perseguia desde a infância, fazendo aparições sempre que eu parecia esquecê-lo. Ao acordar com um sobressalto, percebi que a estrada estava mais esburacada e sem acostamento. Dos dois lados, podia ver cercas de arame farpado delimitando propriedades até onde a vista alcançava. Minha segunda — e menos agradável — descoberta foi que relaxar também tinha aumentado minha vontade de fazer xixi.

— Será que vamos passar por algum posto?

— Acabamos de passar por um, vida. E pior que nem parecia estar funcionando — ela me respondeu.

— Eu diria que o pior é que, com essa quantidade de arame farpado, o mato não é uma opção.

Susu fez uma careta, preocupada. Eu sabia que ia ser chato viajar menstruada, mas tinha esquecido de levar em consideração o instinto protetor que ela tinha quanto a tudo que se referia a mim. Falei que conseguia esperar, acariciando seu braço, e ela deu um sorriso amarelo.

Eu tinha histórias suficientes precisando me aliviar na rua para ela fazer algum comentário irônico. Ao invés disso, ela voltou a analisar a estrada. Decidi mudar de assunto e repassar nosso cronograma para o dia, já que estávamos chegando.

Continuamos com a atenção do lado de fora, procurando uma brecha viável que não chegava. Cactos do tamanho de árvores que cresciam em meio à vegetação baixa ficavam para trás, muitos meio vivos e meio mortos, quando uma placa apareceu no horizonte. Me ajeitei no banco e apertei os olhos, sabendo que minhas chances de ler primeiro eram melhores do que as de Susu, com sua miopia e óculos fundo de garrafa.

— Templo... — dei uma pausa, achando que tinha lido errado — É, Templo Terciário a dois quilômetros.

— Está pronta para fingir estar buscando salvação? — ela riu.

— Assim você vai me causar o pior *déjà vu* da história.

Os portões da propriedade apareceram à nossa direita e lembro-me de pensar que parecia com todas as fazendas que já tinha visto, ripas de madeira sobrepostas com uma corrente de aço pendurada em um dos lados, usada para fechá-los ao fim do dia. Saímos da estrada principal em direção aos portões abertos, seguindo um caminho de terra batida e cascalhos até uma casa amarela. Susu parou a uma distância razoável e eu saí do carro fazendo algum barulho, para que a senhora que varria a varanda se virasse em nossa direção. O movimento repetitivo, concentrado em um único trecho do cimento que pavimentava a entrada, só parecia levantar ainda mais poeira. Ela não reagiu.

Um homem de idade avançada abriu a porta da frente e nos cumprimentou, perguntando se precisávamos de ajuda. A primeira coisa que percebi foram seus olhos, tão azuis que pareciam dois faróis me encarando.

— Senhorita? — ele voltou a chamar, passando a mão pelos curtos cabelos brancos.

— Desculpa, sim. Sim, queria saber se poderia usar o seu banheiro. Não passamos por nenhum posto há quase uma hora.

— Claro. Sua amiga pode esperar aqui dentro, se desejar.

— Não somos amigas — Susu respondeu, batendo a porta do carro e se encostando no capô, apenas para deixar claro que não iria a lugar nenhum.

Os lábios dele se uniram numa linha. A mulher continuava a varrer, de costas para nós. Não parecia sequer ter percebido a nossa presença.

— Já volto — eu disse, fazendo minha melhor cara de “agora não” para ela enquanto estava de costas para o senhor. Atravessei a varanda e segui o homem casa adentro. Pude ver de relance uma cozinha espaçosa nos fundos, mas logo viramos em um corredor à direita e ele me apontou a porta do banheiro. Todas as portas e janelas da casa estavam fechadas, deixando entrar apenas feixes de luz que faziam a poeira dançar nos cômodos.

O chuveiro era protegido por uma fina cortina de tecido e contava com um balde encostado à parede. Tentei imaginar voltar a tomar banhos de cuia, com água esquentada no fogão, em dias tão frios que a água do chuveiro tivesse a mesma temperatura de águas de rio. Eles pareciam ser uma família simples, de forma que não entendi onde a parte do templo se encaixava naquele dia a dia bucólico. Estava distraída com os devaneios e prestes a checar o meu coletor menstrual quando ouvi um grito, seguido pelo barulho estridente do motor do carro e rodas passando por cima de cascalho. Levantei a cabeça e comecei a me ajeitar, tentando falar com alguém do lado de fora. Gritei o mais alto que pude, mas ninguém respondeu.

Abri a porta com pressa, controlando o sobressalto que tive devido à escuridão da casa. Refiz o caminho até a porta da frente tateando as paredes, apenas para encontrá-la fechada, explicando por que mesmo a incipiente claridade que me guiara já não existia mais. Ao colocar a mão na maçaneta, percebi um movimento na minha visão periférica. A mulher estava levantando do sofá e andando pesadamente em minha direção. Ela parou a cinco centímetros do meu rosto, sorrindo de orelha a orelha. Desejei ser mais alta e mais intimidadora, mas a franja que eu insistia em cortar me dava um ar infantil, sem contar com o meu tamanho diminuto.

— Fique mais um pouco! — ela estalou a língua, parecendo pensativa por um momento — Tenho a impressão de que a sua *amiga* não vai voltar por agora.

— Não tem problema, eu me encontro com ela — respondi, tentando parecer tranquila. A verdade era que queria empurrá-la e sair correndo, mas queria evitar qualquer agressão desnecessária. Era apenas uma senhorinha.

— Ah, temo que devo insistir — ela falou, colocando a mão por cima da minha na maçaneta e adotando uma seriedade no olhar que não combinava com o sorriso.

— Su? — comecei a gritar, batendo na porta. O aperto na minha mão ficou mais forte — Su!

— Tudo bem aqui? — o homem apareceu pela porta dos fundos, limpando terra das mãos com um pano. Respirei fundo e me virei para ele.

— Estava apenas voltando para o carro. Eu e minha namorada estamos com o dia todo planejado, sabe como é.

Puxei minha mão de volta, esfregando onde a pressão fora mais forte, e fiz menção de sair pela porta dos fundos. Ele fechou a porta e bloqueou o caminho com o corpo. Um raio de luz captou o crucifixo que trazia no pescoço. Não tinha percebido o objeto antes e, pelos arranhões frescos que ele trazia no pescoço, presumi que tinha sido puxado de baixo da camisa.

Calculei a probabilidade de obter sucesso em empurrar um senhor de um metro e oitenta de altura. Naquele ponto, bastava alguém me dar uma escada e eu bancaria a Nazaré.

— Que falta de educação a nossa, nem te oferecemos um café — ele disse como se eu nunca tivesse aberto a boca, apontando para que eu me sentasse no sofá.

Nunca fui boa em pensar rápido e sabia disso, portanto fiz a primeira coisa que me veio à cabeça: corri de volta para o banheiro e tranquei a porta. No mínimo, me daria um tempo pra pensar. Se eu tivesse sorte, teria uma janela numa altura razoável.

Apoiei as costas na porta, ouvindo os passos se aproximarem. Como se as evidências até então não fossem suficientes, percebi que não era o meu dia de sorte, pois não havia janelas.

— Querida, queremos apenas conversar — a voz inocente da mulher sussurrou no corredor — Achamos que você ouviria com mais educação.

— Sua *amiga* não aceitou o perdão que oferecemos.

— Ela nem admitiu que precisava de perdão. Ah, é por isso que esse país está indo para onde está indo.

As ameaças foram acompanhadas por um barulho de unhas arranhando a porta que me deu calafrios, mas tentei me concentrar. Como não respondi, o homem perdeu a paciência.

— Vou buscar as chaves.

Pensei que um elemento de surpresa seria minha melhor chance. Precisava de um jeito de derrubar os dois de vez. Mas aquilo não era boliche, e meu tempo estava acabando. Tinha visto filmes de terror o suficiente para saber que era pior sair sem saber onde o outro estaria me esperando. Peguei o balde e coloquei embaixo do chuveiro, perfeitamente ciente de que água não deixaria ninguém ocupado por muito tempo.

Mas talvez sangue deixasse.

Me certifiquei de que o balde não ficasse cheio demais, ou minha ideia desesperada não funcionaria. A mistura precisava continuar tendo uma cor forte e, de preferência, o cheiro metálico que poderia imobilizar os Super Fãs do Patriarcado. Do jeito que tudo estava indo, achei que não ia sequer conseguir tirar o coletor. Ainda assim, alguém parecia estar torcendo por mim, pois tive tempo suficiente para estar esperando com a mistura em mãos no momento em que a chave entrou na fechadura e retraiu os últimos pedaços de metal que me separavam deles. Assim que o homem desvairado escancarou a porta, joguei toda a mistura de sangue e água exatamente na altura dos seus olhos, e ele gritou enquanto eu passava por baixo de um de seus braços e empurrava a esposa igualmente maluca que ele tinha.

Fui diretamente para as portas dos fundos, já que ele teve de lidar comigo tão logo entrou em casa e provavelmente não tinha conseguido trancá-la. O sol do lado de fora me cegou por alguns segundos, mas eu sabia que a casa era no nível do chão e continuei correndo, até que minha vista se acostumou e vi o carro parado com o pisca alerta aceso, cinco metros à minha frente. À minha esquerda, outros dois carros estavam parados da mesma forma.

Parei por um segundo antes de decidir que, se eu desse uma de heroína, perderia tudo. Torci para que o universo entendesse o que eu estava querendo dizer e corri até o carro. Encontrei Susu caída no banco de trás, com um galo se formando na testa, o rabo de cavalo puxado para trás e as roupas completamente sujas de barro.

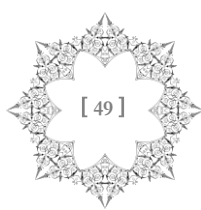
Chaves.

Eles não pretendiam me deixar sair, por isso achei as chaves no bolso lateral da bermuda que ela usava. Entrei no carro, tranquei as portas e consegui engatar a marcha antes de ver uma estátua com rosto de sangue vindo em minha direção. Odiei ele por me deixar enojada com o meu próprio sangue, minha própria vida. Tentei controlar a

respiração olhando para baixo, mas meu short já estava sujo, também. Recolocar o coletor não tinha sido exatamente uma prioridade. Aquele era o último momento que eu tinha, e o pânico ameaçava me engolir.

Olhei para trás e a visão do corpo imóvel de Susu moveu os meus pés, bem como a minha mão de volta para a marcha. Avancei até ouvir o baque no capô do carro, mas só voltei o olhar para o para-brisa depois de virar o carro em direção à saída. Sacodimos sem controle enquanto o carro avançava na terra.

Não sabia se o que embaçava a minha visão era a lembrança daqueles carros parados ou se eram lágrimas descontroladas. Um novo peso se instalava nas minhas costas, um peso que seria difícil de ignorar e mais difícil ainda de entender que não era meu para levar. Escolhi a mim mesma, escolhi Su, e nunca olhei para trás.





APRESENTAMOS O CONTO O PACTO

Por Michele da Silva Santos

Sobre a autora: Michele Silva reside no interior de SP na cidade de Cabreúva, tem 24 anos, fez dois curtas-metragens e algumas performances de personagens de Maria Dutra e Adriano Siqueira, duas leituras dramatizadas, recitou poemas em vídeos, participa da academia Internacional Mulheres das letras, é agenciada pela Max Fama, contém 17 participações em antologias entre contos e poemas publicados.

Cidade de Tenessi ano 1850, barzinho de esquina lotado com música ao vivo, Mônica ouvia claramente o jazz que contagiava, enterrou ali na encruzilhada aquela caixinha e disse:

— Isso é besteira!

Quando levantou-se e se virou para voltar ao Jazz, deu de cara com uma mulher ruiva muito linda e se assustou!

— Caramba!! De onde você apareceu?!

A mulher a olhou fixamente nos olhos e disse:

— Você me chamou.

Dizendo isso, seu rosto se transformou ficou desesperadamente desfigurado com olhos vermelhos. Mônica deu um passo para trás e olhou para onde enterrou aquela caixinha, e olhou novamente para a mulher ruiva e falou gaguejando:

— Sim... eu... quero... fazer um trato!

A satisfação no olhar da ruiva ao ouvir aquilo de Mônica era totalmente visível! Ela sorri, chega mais perto e diz:

— O quê você quer?

Mônica responde:

— Quero ter muito dinheiro e que ele nunca acabe.

A ruiva enquanto Mônica falava, mordida os lábios como se a desejasse! E então disse a ela:

— Te dou riqueza até o dia de eu vir te buscar! Daqui dez anos.

Mônica concorda sem nem piscar! A ruiva então com uma faca com desenhos estranhos do tamanho da palma de sua mão, cortou seu próprio pulso e disse para Mônica beber! Mônica fez uma cara de nojo mas não recuou, bebeu do pulso da mulher, em seguida a ruiva a puxa e a beija! E diz:

— Pacto selado!

Mônica fica olhando, até que ela some diante de seus olhos!

Então limpou sua boca onde escorria o sangue e voltou para o Jazz!

Mônica vinha de uma família pobre, onde tudo era difícil demais, e dessa vez estavam sendo despejados de sua casa, nunca tinham alimentos suficiente e sua mãe precisava de tratamentos médicos! Então ela decide pesquisar algo para ajudar sua família mas sem sucesso, quando ela passava em frente a praça uma mulher esbarrou nela e disse:

— Eu sei do que precisa criança. Venha nesse endereço e lhe direi.

Entregou-a um papel com o endereço de um armazém, desesperada naquela mesma tarde foi até o local, e aquela mulher disse que havia um jeito para resolver todos os seus problemas, ela poderia pedir o que quisesse e lhe seria dado, porém haveria um preço, dez anos depois de seu pedido ela seria buscada e sua alma levada! Mônica daria a vida para melhorar a vida de seus pais, então aceitou e quis saber o que precisava fazer. Foi aí que começou a entender o que seria feito, pois precisaria de pelos de gato preto, um pé de coelho e cinzas do túmulo número vinte meia meia, depois que ela conseguisse todos os ingredientes precisava por alguns fios de seu próprio cabelo na caixa e pingar um pouco de seu sangue sobre os ingredientes e enterrar em uma encruzilhada!

Mônica então saiu do armazém e foi atrás do que precisava, naquela época muitas pessoas tinham animais em casa então foi fácil de conseguir o pé de coelho, ela o roubou de seu vizinho, matou e cortou o pé, pelos de gato foi o mais fácil de todos pois ela mesma tinha um gato preto em sua casa, o mais estranho foi as cinzas do túmulo... pois havia a foto de uma moça na lapide, mas Mônica não queria saber, pois precisava desesperadamente de dinheiro para ajudar seus pais, isso tudo demorou exatos três dias para juntar tudo, foi bem a tempo do jazz, pois toda sexta feira eles faziam show em um bar de esquina onde havia uma encruzilhada, e lá seria perfeito!

Mônica não se deu conta que em todos os momentos estava sendo observada por alguém, passado a noite do pacto, no dia seguinte começou achar dinheiro em sua bolsa, conta bancária e era incrivelmente inacreditável, resolveu todos os problemas de sua família, pagou o tratamento de sua mãe, fez heranças e nome na cidade, seus familiares chegaram a questionar em como conseguiu dinheiro para ajudá-los mas Mônica disse que recebeu um aumento bom em seu salário, e como todos eram muito simples, acreditaram, e ao se passar os anos se tornou algo comum...

O que Mônica não fazia ideia era que ao selar o pacto, não foi um contrato comum, a dias um demônio chamado Marcus estava a observando e por algum motivo havia escolhido ela para servir de passageira para Mallory, e aquela senhora esbarrar com ela na praça não foi coincidência! Já estava tudo planejado para possuírem seu corpo, quando faltava apenas um ano para completar os dez anos de vida de Mônica, ela fez um testamento deixando sua herança parte a seus pais e parte as pessoas necessitadas! Chegando o grande dia, Mônica não queria que seus pais vissem o que aconteceria com ela, então ela trocou-se, colocou sua melhor roupa! Calça de couro preta, botas que iam até a coxa, camiseta

branca bem justa, que marcava bem sua silhueta perfeita, e uma jaqueta de frio, cabelos longos e encaracolados cor de mel, pele branca feita a neve, unhas bem-feitas e vermelhas como a morte que a esperava, passou seu melhor perfume e saiu, foi até a encruzilhada que fez o pacto e ficou esperando, pois não sabia bem a qual horário a ruiva viria buscá-la!

Quando ouviu o badalar da igreja sabia que era meia-noite, olhou para o céu... e ao voltar seus olhos para estrada viu a ruiva, ela não havia mudado em nada, nem uma ruga sequer! Mônica não fazia ideia do que estava para acontecer... A mulher se aproximou dela e sussurrou palavras em uma língua desconhecida, e de repente Mônica sente algo estranho, foi perdendo o controle sobre seu corpo e sua mente, até que Mallory tomou seu corpo!

Mallory disse:

— Thayla, você conseguiu! Estou de volta!

E se beijaram com muito desejo!

Thayla e Mallory eram demônios, que um dia viveram na terra, e por algum motivo fizeram pacto com o Diabo, e viveram por décadas no inferno, até que na primeira proposta para saírem de lá aceitaram, Marcus era um tipo de chefe, então cuidava para que todos os planos malignos dessem certo!

Thayla seu trabalho era fazer pacto, prender o máximo de almas possíveis, Mallory havia acabado de receber uma proposta para tomar o corpo de uma humana e levar mais pessoas até Thayla! Então a ruiva ao saber que seu amor sairia daquele “inferno” foi pessoalmente escolher um corpo perfeito para ela! E se deparou com Mônica, garota pacata, e desesperada por ajuda! A vítima perfeita.

Sairão dali e foram atrás de diversão, pois estavam em festa, uma eterna festa maligna, cheia de pecados maravilhosamente saborosos! Ao passar os dias, as ordens que lhe foram dadas estavam se cumprindo perfeitamente, ninguém resistia a beleza e a sedução daquelas duas, haviam assassinatos, drogas, prostituição e tudo mais que possa imaginar, Mônica não teve sua alma levada para o inferno, pois o que viveria seria bem pior!

Ela podia ver e sentir tudo o que aquele demônio fazia com seu corpo, mas não tinha controle nenhum sobre ele! Anos e anos se passaram, até que Mônica de alguma maneira se comunica com Mallory por pensamento! Diz querer servi-la, que faz tudo o que mandarem, mas queria um corpo pra ela!

O que ela não sabe que para entrar no corpo de outra pessoa você precisa ser um demônio, e para isso são milhares de anos no inferno fazendo coisas absurdamente malignas! Com essa proposta de Mônica, os demônios sentiram-se tentados! Pois os humanos eram tão mesquinhos que quanto mais mulheres, bebidas e sexo, mais eles iam perdendo suas almas aos poucos, sem nem perceberem! Com um sorriso bobo na cara!

Agora, os demônios fariam tanto por uma simples humana? Será que a doce e inocente Mônica vai voltar em forma demoníaca? Ou irão mandá-la para o inferno sem volta?

Horas depois, eles conversaram entre si, e Marcus mandou chamar Mallory!

Acharam uma afronta Mônica propor qualquer coisa! Quem era ela para propor algo? Ninguém, simplesmente não era ninguém! Então Marcus disse a Mallory para ir até a casa de Mônica e matar toda sua família!

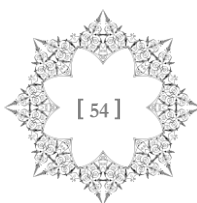
Mônica se desesperou, mas não havia nada que pudesse fazer! Mallory na mesma hora seguiu para a casa dos Silvers!

Chegando lá Mallory meteu o pé na porta da cozinha e a derrubou! Os pais de Mônica e sua irmã mais nova, acordaram assustados, mas quando a viram sorriram, pois ela estava a meses desaparecida!

Mas Mallory na mesma hora juntou a irmã casula de Mônica e quebrou seu pescoço! Foi na mesma hora na direção de seu pai e o lançou contra a parede! Quando chegou perto de sua mãe, Mônica dá um grito e resiste aos passos! O que era quase impossível, e diz para sua mãe correr!

Pegou a primeira coisa que viu a sua frente, uma cadeira! Tacou-a no chão, pegou uma farpa e enfiou em sua própria barriga! Mas o que Mônica não sabia que isso não feriria a demônio! Com isso ela ficou fraca, e Mallory retomou o controle de seu corpo! Com muita raiva de Mônica, ela pega a farpa que estava em sua barriga e a enfia até sair em suas costas! Terminando assim de matá-la!

Mallory saiu caminhando lentamente, como se nada tivesse acontecido, e percebe a mãe de Mônica escondida entre as árvores, como mágica, aparece exatamente em sua frente, antes de ela dizer qualquer palavra enfia sua mão no peito de Lary e arranca seu coração! Com sua missão cumprida, some na escuridão!



APRESENTAMOS O CONTO
O DIA DA PARTIDA

Por Regiane Silva

Sobre a autora: A autora nasceu na Cidade de Salto-SP, mas reside no Rio de Janeiro desde criança. É apaixonada por literatura nacional e estrangeira e não despreza nenhum gênero literário. Ela possui poesias, contos e microcontos publicados em antologias destinadas ao público infantojuvenil e adulto.

Toda sexta-feira, às três horas da manhã, a maldita partida de futebol começava. A pior coisa que ele fez foi comprar uma casa ao lado de um campo de futebol abandonado.

Mas quem poderia imaginar que isso aconteceria? A casa dele era a única nas redondezas! Tanto lugar para jogarem futebol, mas escolheram logo aquele campo!

Para chegar à residência mais próxima levava uns trinta minutos de carro, passando por uma estrada íngreme de barro.

Um matagal intenso invadia os arredores. Por isso, comprou a casa. Queria ficar longe de tudo e de todos. Como tinha carro, só se deslocava para ir ao comércio e ao banco da cidade vizinha. Uma vez por mês era suficiente.

Com o passar do tempo, ele pensou em criar algum animal doméstico, tipo gato ou cachorro para lhe fazer companhia, mas desistiu. A solidão era sua melhor amiga.

De dia pescava, à tarde corria pela estrada e de noite, depois de ler bons livros, dormia. Sua parte preferida.

De segunda a quinta-feira era uma maravilha. Completo silêncio.

Irritado ao pensar na partida de futebol que, com certeza, aconteceria naquela madrugada, decidiu que sairia para falar com a rapaziada. Poderia ficar calado e esquecer a tal partida, mas não suportava mais aquela bagunça. Seria o velho rabugento da história.

Mas não se importava. Que procurassem outro campo para jogar! Por que não jogavam de dia? Pareciam malucos! Se não parassem, colocaria uma cerca de arame farpado ao redor do campo para que ninguém usasse.

Quem iria reclamar aquele pedaço de terra esquecida no fim do mundo?

Por volta das quinze horas, uma senhora gentil passou vendendo cocadas. Ele estranhou porque só tinha a casa dele naquele lugar. Possivelmente, ela era uma péssima vendedora. Não quis comprar.

A senhora gentil disse para ele:

Deixa isso pra lá. Só um dia não lhe custará.

O que a senhora falou?

Nada. Tenha um bom dia!

Que mulher estranha! Pensou ele.

Seguiu seu dia dando gargalhadas pensando em como assustaria aqueles jogadores.

Faltando cinco minutos para às três horas da manhã, ele colocou a escada no muro, olhou e não viu ninguém no campo. As luzes estavam apagadas.

— Graças a Deus! Uma sexta-feira de paz!

Desceu as escadas. Entrou em casa. Desligou as luzes, mas, pontualmente, às três horas da manhã, ouviu vozes vindas do campo. Um falatório infernal.

— Não acredito! Como chegaram tão rápido? Eu não ouvi barulho de carros? Carroça não passa por aquela estrada de barro! De bicicleta é quase impossível pedalar!

— Eles devem estar brincando comigo! Será que estavam escondidos na mata? Possivelmente, rindo da minha cara!

Isso o deixou mais irado.

Vestiu rapidamente o casaco. Estava frio. Pegou a garrucha herdada do tataravô. Daria um susto naqueles malandros. Nasceu sem medo no sangue, assim pensava.

Abriu o portão. Saiu correndo em direção ao campo. Do lado de fora, estava escuro como um breu. A única coisa iluminada naquele lugar era o campo e a casa dele.

Estranhamente, a luz da casa se apagou. Só o campo ficou com as luzes acesas. Os times estavam jogando. Era a primeira vez que os via de perto. Ele parou na lateral do campo e gritou.

— Seus desgraçados! Parem de jogar agora! Procurem outro lugar! Isso é hora de jogar futebol? Quero paz! Paz! Vocês sabem o que é isso?

Os jogadores pararam de repente. O juiz da partida respondeu sem que fosse possível ver seu semblante.

— Infelizmente, não sabemos o que é paz. Os últimos moradores daquela casa também nos importunavam.

A bola continuou a rolar sozinha pelo campo que, na verdade, era um cemitério abandonado.

Todos os jogadores, num piscar de olhos, viraram as costas para o intruso. Não era possível ver os rostos. A luz do campo se apagou. Acendeu novamente. Agora, os jogadores estavam compridos. Gigantes com uns três metros de altura.

Um cheiro de podre foi sentido pelo reclamante que estava estático como uma lápide vendo a transformação dos jogadores.

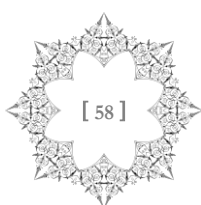
A luz do campo se apagou. Acendeu de novo. Viu os jogadores com os rostos, sem olhos, virados na direção dele. A luz se apagou. Acendeu mais uma vez. Sorrisos macabros saíram daqueles putrefatos lábios. Dedos apontavam em sua direção.

O homem gritou de pavor. Correu em direção a casa dele segurando a garrucha. Fechou a porta. Entrou no quarto. Estava tremendo. Com muito esforço, se lembrou da única vela que tinha na residência. Acendeu com o isqueiro.

Odiou a si próprio ao lembrar que se recusou a comprar lanternas porque, segundo o vendedor da casa, nunca faltou energia elétrica naquela residência.

Ajoelhou-se. Não saía palavras da sua boca. Não conseguia rezar. Não tinha coragem de abrir os olhos. Sentia, no silêncio aterrorizante do quarto, como se estivesse dentro de um estádio de futebol lotado.

Apesar de morar e estar aparentemente sozinho naquela sexta-feira treze, o quarto realmente estava lotado. Todos olhavam para ele esperando pacientemente que a singela luz da vela se apagasse.





APRESENTAMOS O CONTO À MESTRA SEM CARINHO

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu etc. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

O bem quando encontra o bem, acrescentam-se.

Mas o mal quando encontra o mal, aniquilam-se.

Seu nome soava esquisito: Lutécia. Até aí, nada demais, afinal, qualquer listagem de estudantes podia revelar dúzias de nomes bizarros.

Mais incomuns ainda eram suas vestes e o modo como se comportava em sala de aula.

Sim, Lutécia era professora. Lecionava História em uma das escolas do estado. Nunca fora o seu sonho, contudo e por ora, como todos os mortais, tinha contas a pagar.

Apesar de aparentar pouco mais de trinta anos, vestia-se feito uma velha. Roupas de tecido pesado, mangas compridas, saia abaixo dos joelhos e cores que faziam pensar em um entardecer chuvoso, entrecortado por relâmpagos. Cheiravam a um amálgama de mofo e naftalina. Cinza, marrom, preto e vermelho predominavam. Aparentava ter surgido de alguma festa de Dia das Bruxas, por mais que execrasse esse modismo importado.

— Por que não gosta de *Halloween*, professora? — perguntara certa vez um aluno.

Em sua voz pastosa e sem alegria, respondera:

— Não é pela festa em si, mas pela carência de conteúdo das pessoas. Nos países de origem, há um aspecto histórico, um fundamento. Ignorância. Preconceito. Perseguição. Lágrimas. Tortura. Morte. Aqui, porém, não passa de macaquice, uma imitação vazia feita apenas pela farrear e nada mais.

Na época, Lutécia não se atentara para a insinuação dela parecer uma feiticeira e, como tal, causar estranheza não gostar da comemoração. Interpretara os risos da classe como sendo fruto de seu comentário e não de sua pessoa. Não que fosse se importar, outrossim, divertir-se-ia a brincar com a natureza de sua verdade.

O rosto era comprido; a tez, pálida; os lábios, finos. Os cabelos pretos e lisos caíam ao longo de suas espáduas até a cintura, caso não os mantivesse preso. Os olhos grandes e penetrantes possuíam a tonalidade profunda e obscura do oceano. Era uma mulher bonita, porém, descuidada: nunca alimentara a vaidade física. Tal qual uma flor silvestre, vivia a mercê da intempérie e a ela se entregava.

Desde criança, havia uma aura funesta em torno de Lutécia. Era como se uma nuvem escura a acompanhasse. Certa feita, uma cigana tivera a ousadia de pará-la na rua e alertar de que havia algo maligno montado em seus ombros. Em seguida, fugira ante o

olhar aterrorizante que a professora lhe dirigira. Vizinhos atribuíam o fato à falecida mãe de Lutécia, uma reclusa francesa, responsabilizando-a por lidar com as forças do oculto.

Por isso, crescera solitária.

As pessoas, em geral, evitavam-na.

Rapazes faziam piada de sua figura soturna.

Entretanto, nunca na frente dela, face a face. Nunca.

Coisas mais estranhas ocorriam àqueles que a provocavam.

Certa feita, alguém chegara a colocar pedaços de um bicho morto dentro de sua caixa de correspondência. Jamais chegara a saber a autoria. Se soubesse, o culpado iria experimentar o mesmo que sentiram os camundongos e gatos por ela torturados na adolescência. Oh, fora divino! Aqueles guinchos e miados desamparados pouco a pouco cedendo lugar ao silêncio sem volta...

A tudo ela suportara resignadamente. Contivera-se num sinistro véu de aparente normalidade. Dir-se-ia que possuía uma paciência infinita, entretanto, não era bem assim. Ela era como uma represa na qual seu rancor, sua fúria e seu desprezo à vida se acumulavam.

Cedo ou tarde, viria a última gota d'água. Então, a barragem cederia.

Dos professores daquela escola da periferia, ela chegara por último. Alguns não disfarçaram seu alívio, pois assim, conforme a praxe adotada, a diretoria delegaria a Lutécia as piores turmas de alunos. Mais ou menos como no filme dos anos 60, *Ao Mestre com Carinho*¹. Só que os rebeldes do filme não passavam de bebês de berço perto dos adolescentes maloqueiros com os quais ela teve de lidar. Tampouco Lutécia tinha a paciência ou a dignidade do professor interpretado por Sidney Poitier. A única coisa que atenuava o mau comportamento dos estudantes era um certo temor diante da mulher de olhos vidrados, gestos rígidos e vagarosos. Vez ou outra, as mãos de Lutécia assumiam a forma de garras, em particular quando mencionava a Inquisição ou os algozes de Salem. Para os adolescentes, era como se a professora estivesse pronta a pular na garganta de um deles e rasgá-la à unha num jorro de sangue.

Se ao menos soubessem...

¹ *To Sir with Love*, James Clavell, 1967.

— Os frutos já vêm podres da raiz — queixara-se um de seus colegas certa feita. — Se os pais, enquanto educadores, não prestam, que formação terá passado aos filhos?

— Aquilo que se vê, Prof. Djalma.

— Nenhuma! Nada de formação, mas deformação. Depois, desovam seu protótipo de arruaceiro nos degraus da escola, exigindo que consertemos o estrago.

O Prof. Djalma era um docente de quase sessenta anos. Já deveria ter se aposentado, contudo, a vida toda fora um idealista, acreditando ser a instrução o alicerce fundamental para se construir um país digno, realmente em desenvolvimento, em vez de uma paródia de nação à mercê da escória. Era um homem de personalidade jovial, mas firme. Para desabafar daquela maneira com a novata malquista era porque atingira o ápice da paciência e o fundo da decepção.

— Hoje, os genitores de um aluno vieram discutir comigo porque o seu "anjinho" teve nota baixa na prova. Achei que fossem me agredir! O moleque, repetente de carteirinha, tem dezesseis anos e é mais alto do que eu. Passou a maioria das aulas a fazer bagunça do fundo da sala. Por mais que tentei, não houve meio de enfiar juízo naquela cabeça oca. A folha da sua prova foi rabiscada com um monte de piadas do tipo: "Onde começa o rio Amazonas?" Resposta: "no início". O que eu podia fazer? Levou zero sim... ZERO! Bem que deveria passá-lo de ano só para me ver livre do tranqueira. Mas, daí, coitado do colega que iria recebê-lo. Claro, jamais faria isso. Ainda possui uma fração de decência. Mas posso imaginar o fulano comprando um diploma de "doutor" daqui a alguns anos. Ah, estou farto! Vou me aposentar, dessa vez eu vou. Meus ideais morreram.

— Não tem sido fácil — reconhecera Lutécia.

— Bem sei a bucha que você pegou. Aceita um conselho? Dobre seus alunos antes que eles dobrem você. Não demonstre fraqueza, senão, estará frita. No mais, procure outra escola, outro emprego antes de ficar como eu.

— Não sou fraca. Adoraria dobrá-los até ouvir a espinha partir...

O Prof. Djalma sobressaltou-se.

— Hã? O que foi que disse?

— Falei que vou procurar seguir seu conselho. Obrigada.

— Nã-não há de quê... Eu acho.

Curiosamente, a derradeira gota d'água chegou juntamente com o temporal, a tempestade que tanto combinava com os trajes austeros de Lutécia.

Nuvens se avolumaram no fim de tarde. De brancas, adquiriram tons cinzas cada vez mais tenebrosos, obscurecendo o céu num prenúncio de fim de mundo. O vendaval uivou através das frestas da vidraça e percorreu feito assombração os corredores inquietos da escola. Um pesado aguaceiro desabou em seguida, transformando a terra ressequida em lama; revelando, por baixo da sujeira, a imundície bruta. Foi como se o universo tivesse convergido todas as suas energias para aquela tarde, aquele momento, aquele prédio, aquela aula.

De todas as péssimas salas onde Lutécia lecionava, era a pior de todas.

À boca pequena, os professores batizaram-na de "A maloca do inferno".

Os alunos formavam um bloco coeso, pois se conheciam de vários anos.

Lutécia mal conseguia se fazer ouvir devido a algazarra, guerra de bolas de papel, batucadas e diferentes sons copulares vindos dos *smartphones* aos quais consideravam músicas.

Os teóricos do "direito dus manu" diriam que os estudantes não passavam de garotos desorientados, carentes de compreensão e afeto, vítimas de uma sociedade injusta.

Para Lutécia, eram marmanjos irremediáveis, aprendizes de marginais. Ao contrário de outras turmas, não se deixavam intimidar ante os modos esquisitos dela, a fala rouca e os olhares fulminantes, pois vinham de ambientes habitados por personagens da pior estirpe, senão dentro de suas casas, das redondezas. Menos por medida de segurança do que por um prazer nostálgico, dias atrás ela trouxera seu cutelo de estimação e o escondera sob a escrivaninha. Tratava-se do instrumento com o qual desmembrara os pequenos animais e divertira-se diante da dor e do desespero que provocara. Inevitável imaginar aquelas pestes na sala em situação semelhante. Não pôde deixar de sorrir.

"Guincha, guincha, camundonguinho..."

De fato, na semana anterior, conseguira atrair um aluno em particular. Por algum desvio que só o mesmo poderia dizer, interessara-se por ela, desenhando caricaturas obscenas da professora e encarando-a de modo pervertido. Lutécia dissera a ele que, após as aulas fosse encontrá-la no estacionamento. Prevendo uma transa abafada e desajeitada dentro do carro dela, aceitara de imediato. Vislumbrara não apenas a satisfação carnal, mas a maior fofoca que iria espalhar na escola. Seu *status* perante os

colegas elevar-se-ia às alturas. Entretanto, Lutécia tivera seus próprios planos. Enquanto desabotoava a blusa e revelava o colo de uma brancura marmórea, oferecera uma bebida ao aluno que, de garganta seca diante da visão do busto da professora, aceitara. Adormecera no ombro da mulher e acordara deitado sobre uma mesa rústica de madeira numa garagem abandonada. Amarrado e amordaçado, limitou-se a chorar e grunhir. Sob a única lâmpada pendente de um amarelo esmaecido, vira a aproximação do vulto da mulher. A silhueta do cutelo não o apavorara tanto quanto o prazer infinito emanado daqueles olhos. Nas horas seguintes, Lutécia exercitara seu apreço pelos filmes de terror *slasher* e *gore*. Deliciara-se a cada gemido, cada espasmo, cada gota de sangue, cada punhado de carne. Nos dias seguintes, ninguém estranhara a ausência do jovem, sequer os pais, pois aquele era dado a sumiços vez ou outra sem dar qualquer satisfação.

O temporal seguia.

A ventania uivava.

O frio mordiscava.

Lutécia desceu o tablado, foi até a porta d'"A maloca do inferno" e trancou-a por dentro. Lembrou-se dos comentários apavorados ouvidos na sala dos professores.

— Pegaram o Djalma, ficaram sabendo?

— Djalma? Como assim?

— Esperaram na saída e surraram o coitado até desmaiar no chão.

— Assalto?

— Ora, você sabe tão bem quanto eu que não foi.

Ninguém mencionara o aluno que levava zero no exame, mas a conexão era evidente. Logo, um telefonema à diretoria confirmava o incidente. Lamentavelmente, o frágil professor não sobreviviera ao brutal ataque, face as inúmeras fraturas.

Lutécia observara a reação dos alunos diante da notícia.

A ausência de empatia.

Os meios-sorrisos.

As piadinhas.

Tinha certeza de que o mais velho daquela sala, de dezessete anos, tomara parte na pancadaria, pois fazia parte da gangue do aluno que tomara zero. Havia esparadrapo nos nós de seus dedos.

Ela não nutrira amizade pelo Prof. Djalma, porém, ao separar o joio do trigo, tinha certeza de que, de modo algum, ele merecera tal destino.

Fora a gota d'água.

O mal contra o mal.

Alunos urravam, um deles em cima da carteira.

Bolas de papel voavam de um lado a outro.

Pés batiam no piso. Palmas e palmas.

Completo destilar da anarquia.

Moças miavam feito gatas.

Os outros eram ratos.

Ah, a nostalgia...

Lutécia tornou a subir no tablado, levou sua mão para debaixo da escrivaninha. Antevia o banho de sangue numa expressão de quase luxúria. Sem se importar se prestavam ou não atenção, recitou:

Pois que a morte não é branda e esmaece no facho de luz.

Tampouco ela abrande, ceifa e arranca: às trevas conduz.

O calor que a seu corpo aquece, perece. Quem diria?

O gelo chega e permanece feito a laje e a lápide fria.

Eis que a vida é tênue chama. De um sopro ela fenece.

E a ironia do antes e do depois: a não vida permanece.

Como se fosse um sinal para o início da chacina, um relâmpago caiu num pinheiro do jardim da escola. O tronco explodiu em um milhão de fragmentos. Galhos esvoaçaram. O restante da árvore pegou fogo. No ecoar ensurdecido do trovão, aconteceu o blecaute.

Gritos foram ouvidos.

Barulhos de carteiras caindo.

Em vez de euforia, notava-se dor.

Alguns vidros da vidraça se partiram.

Sons de quem sufocava no próprio sangue.

Da escuridão, brotaram gemidos agonizantes.

E o fragor da tempestade prosseguiu sem piedade.

Levou algum tempo até os funcionários da escola perceberem que o tumulto na sala estava inúmeros decibéis além da baderna habitual.

— SOCORRO!

— QUERO SAIR!

— SALVEM A GENTE!

Entre raios e trovões, histérica, Lutécia gritou:

*O sangue do inocente deveria ser poupado,
porém, sem misericórdia para os culpados!
Pela veia cortada, todo ele será derramado.*

Quando, finalmente arrombaram a porta, a escuridão não permitiu distinguir muita coisa, além de vultos agitados. Alguns se levantaram, tropeçaram, caíram, choravam. Outros, encontravam-se no estertor da morte. Era um caos de desespero entremeado pela penumbra, sombras e trevas. Um dos serventes escorregou e desabou numa poça viscosa de cheiro inconfundível.

— Sangue!

Os sobreviventes quiseram fugir, mas foram impedidos.

Luzes dos celulares deram o primeiro vislumbre do horror.

— Pelo amor de Deus, telefonem para a polícia!

Havia estudantes feridos, alguns sem dedos, orelhas, narizes; outros apresentavam cortes profundos em diferentes partes dos braços ou do tronco. Dos trinta e dois alunos, sete ficaram ilesos. Refugiaram-se suados e ofegantes junto às paredes do fundo, como se pretendessem fundir-se a elas.

No meio da sala, jazia o estudante mais velho: o pescoço fora cortado quase ao ponto da decapitação e, no topo da cabeça, o cutelo sangrento ficara firmemente fincado. Ao lado dele, Lutécia — cujo nome era o mesmo que fora dado pelos romanos à futura cidade de Paris — agonizava. Os cabelos longos e negros, libertos enfim, derramavam-se sobre o piso entre o sangue morno, papéis amassados e a poeira. Seu corpo fora cravejado por toda sorte de objetos pontudos: canivetes, compassos, tesouras, lápis, estiletes e até pregos. Ainda vivia, porém, em meio à aflição, seus olhos enlouquecidos exibiam um brilho de triunfo.

— Através da não vida, livre estou — balbuciou.

Em seguida, pronunciou algumas palavras num idioma antigo:

— *Omnia cinis aequat!*

E expirou.

Uma rajada de ar gelado soprou em redemoinho. Um calafrio intenso tomou conta dos presentes num temor palpável. Mais tarde, alguns descreveriam o fenômeno como o arrancar de um fragmento da alma.

A tempestade avançou noite adentro e atravessou a madrugada.

Funcionários da rede elétrica, policiais e o corpo de bombeiros tiveram bastante trabalho.

Quinze alunos foram mortos, incluindo aquele que batera no professor. Outros quatro pereceram mais tarde em razão das lesões. O restante, mutilado, ferido ou ileso, sobreviveu.

As serventes tiveram muito trabalho para limpar a sala. Apesar do zelo profissional, um odor de sangue e carne decomposta pairou por muitos meses.

Na semana que se seguiu à tragédia, os estudantes sobreviventes ao massacre pereceram. As circunstâncias foram diversas: atropelamento, queda, latrocínio, doença, *overdose*, causas desconhecidas. De coincidência, a morte em si e a máscara de terror em seus rostos.

"A maloca do inferno" foi extinta. A sala foi trancada e transformada em depósito.

Ninguém tocou a canção da Lulu, *To Sir With Love*.

Quanto ao assassinato de Lutécia, ficou por isso mesmo. Ela não tinha família e tampouco era querida por quem quer que fosse. Foi considerado que os "anjinhos" agiram em defesa própria.

Os pais dos adolescentes queixaram-se da falta de segurança. Foram exigidos critérios mais rígidos na contratação de novos profissionais e normas mais flexíveis para a aprovação dos alunos.

Contavam com o "direito dus manu".

Afinal, eles eram todos "dimenó".

Todavia, a bruxa fora liberta.

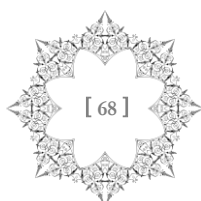
Eventualmente, voltaria.

Um espírito do mal.

A ira de Lutécia.

AGRADECIMENTO:

À escritora de suspense e horror, Gisele Wommer, pela troca de mensagens que fez surgir o presente conto. "Culpa" sua!



APRESENTAMOS O CONTO
OLHO MÁGICO

Por Tarija Pozo

Sobre a autora: Advogada criminalista, associada da ABERST e fascinada pelos gêneros de suspense, literatura policial e terror.

- A**lô, oi, Lúdia, o que foi?
- Oi Neusa, você viu que hoje é Halloween? As crianças vão passar nos apartamentos pedindo doces, balas, todo tipo de tranqueira. Você chegou a fazer alguma coisa? Ou comprar? Não tenho nada para dar.
- Ah, pelo amor de Deus, estamos no Brasil, caramba. Quem é que comemora Halloween?! Isso é coisa de gringo. Eu não comprei nem fiz porcaria nenhuma. Eu não compro doce nem para mim, imagina ‘práqueles’ crianças dos vizinhos que me aporreiam a vida o dia todo com a aquela gritaria!
- Eu não vejo problema. Deixa as crianças se divertirem. Se eles querem doce, que comam doce.
- Mas não às minhas custas, né?
- Tá bom, Neusa. Vou passar na loja do Seu Cláudio e comprar umas balinhas 7 Belo para não ficar de mãos vazias aqui. Vai que eles decidem fazer alguma travessura. Eu é que não vou me arriscar.

A campainha toca, do outro lado da porta Neusa escuta a fatídica frase “Gostosuras ou travessuras?” e revira os olhos: “Mas que saco, essas crianças não tem trabalho de escola pra fazer não?” — bufou.

Procura rapidamente nos armários e encontra três sonhos de valsa que restaram da última compra. Relutante, decide abrir a porta sem nem se preocupar em verificar quem estaria do lado oposto.

Diante dela, três homens mascarados de personagens de filmes de terror seguram respectivamente três crianças, igualmente fantasiadas, porém amarradas em seus punhos, que tremiam de medo e respiravam com dificuldade sob a ameaça de duas facas e uma arma colocadas sobre as suas cabeças e pescoços.

— Parem com essa brincadeira — disse Neusa tentando se convencer de que aquilo que estava vendo não era real.

— Não estamos brincando. Cale a boca e entra agora na casa. Viemos pegar o dinheiro.

— Que dinheiro? Eu não tenho nenhum dinheiro.

— Vamos, já mandei calar a boca, piranha! — Disse um dos três homens apontando-lhe a arma.

— Tá bem, tá bem. Eu tô entrando, só não machuque as crianças.

Fingindo manter a calma, Neusa caminha em direção à sala, tentando olhar de canto de olho para trás, quando foi abruptamente interrompida com um chute nas costas que a fez cair de cara no chão. Em seguida, a amarram na cadeira e trancam as crianças na cozinha.

Um deles, friccionando a faca sobre o seu pescoço grita em sua orelha:

— Cadê a porra do dinheiro do assalto?

— Assalto? Eu não sei de assalto nenhum. Eu sou uma dona de casa aposentada, não sei do que estão falando.

— Onde é que ele escondeu?

— Ele quem? – disse antes que pudesse sentir um forte zumbido em seu ouvido causado por um golpe certo na têmpora.

— Nós vamos picar você todinha se a senhora decidir que não vai colaborar. A senhora consegue entender isso ou tá ficando gagá já?

— Meu filho, não faça isso. Eu não tenho dinheiro algum, não sei do que estão falando.

Um dos rapazes sai de trás da cadeira em que Neusa estava sentada e, sem pestanejar, amputa-lhe um dos dedos.

Ao ouvir seus gemidos de dor, as crianças, apavoradas, começaram a chorar dentro da cozinha, o que só causou mais tensão entre o grupo, que teve que se dividir entre os cômodos.

O corpo de Neusa começava a latejar com a enxurrada de adrenalina que circulava em sua corrente sanguínea, quando uma nova facada é introduzida na lateral de seu dorso. Dessa vez não gritou, concentrou-se na voz das crianças que imploravam para não morrerem deitadas no chão da cozinha enquanto ameaçadas por um dos três elementos que lhes apontavam a arma de fogo.

Com tamanha dor, a visão de Neusa começou a ficar turva, e os monstros, até então retratados apenas nas fantasias dos sequestradores, deixaram de ser meros figurinos medonhos e passaram a adquirir outra dimensão. Não era mais possível personificá-los, ver sob suas roupas algum sinal de humanidade. Eram animais abatendo uma presa fácil e inocente. Abrira a porta para monstros de verdade.

— É a última vez que vou perguntar: onde está o dinheiro? — puxando sua cabeça para trás pelos cabelos.

— Levem o que quiserem, mas eu não tenho nenhum dinheiro.

— Depois não venha reclamar que eu não lhe avisei, sua velha mentirosa – disse transpassando violentamente a faca em seu pescoço, cuja retirada lhe foi interrompida pelo toque do celular.

— Diga.

— A mulher do Pedro acabou de subir no elevador. Acho que vocês entraram na casa errada.

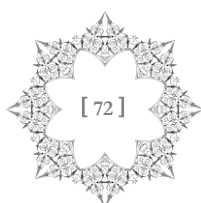
— Não, não. Estamos no 96.

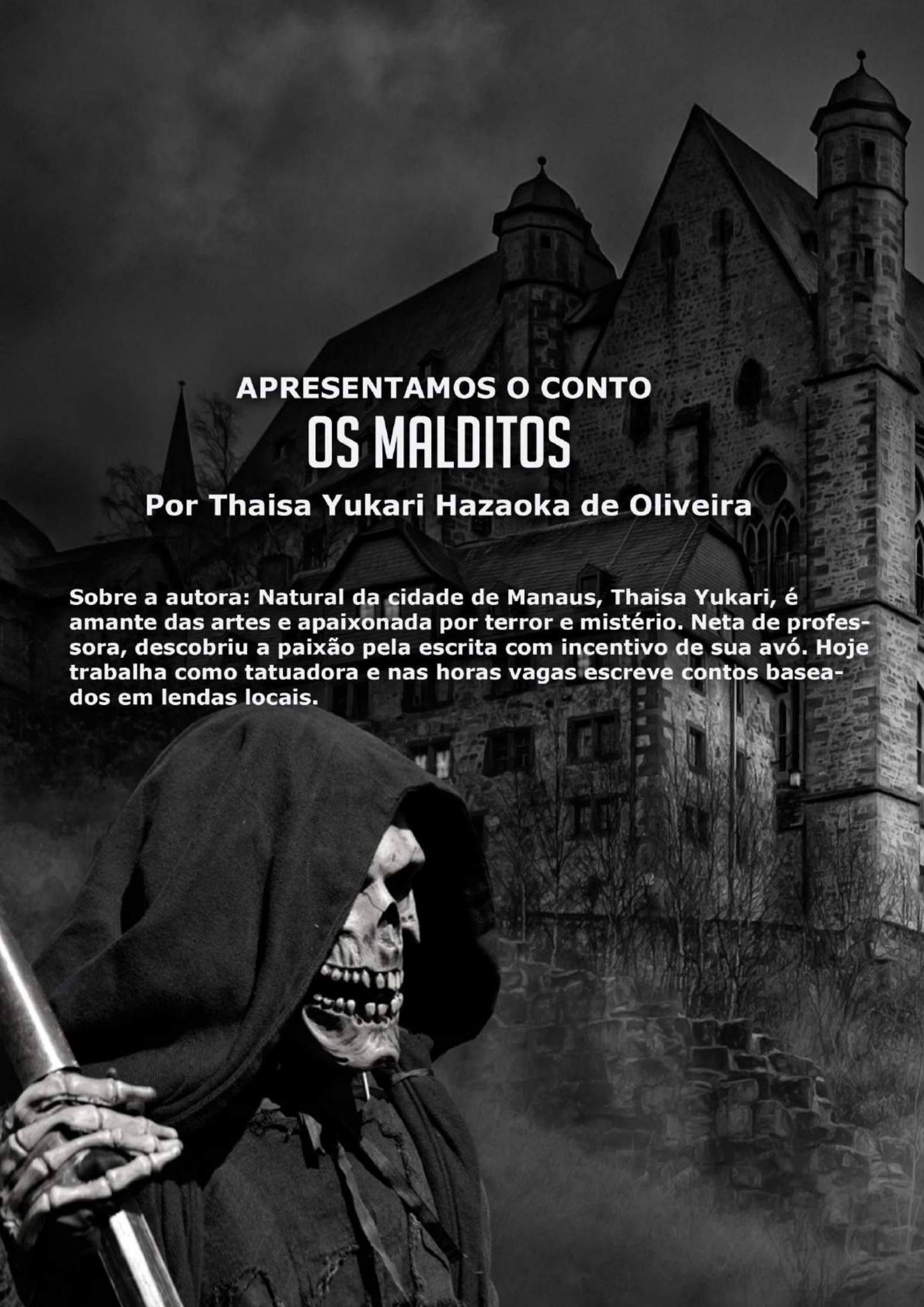
— Não estão não. Verifica direito isso aí.

Deixando a faca para trás, cravada no pescoço da vítima, o sequestrador abre a porta e gargalha sadicamente girando o número 9 fixado na porta, que por falta de fricção suficiente havia rotacionado para baixo, convertendo o número 99 em 96.

— Vamo embora — disse ele chamando os demais — Agora eu sei onde está o dinheiro. Arrastou as crianças novamente pelo corredor, mas antes de sair, apanhou um dos bombons sonho de valsa que ficaram largados pelo tapete, abriu o embrulho, mordeu, olhou para o corpo de Neusa ensanguentado e ao fechar a porta riu escarnecendo:

— Hã, e ainda tem gente que não acredita em maldição de Halloween...





APRESENTAMOS O CONTO OS MALDITOS

Por Thaisa Yukari Hazaoka de Oliveira

Sobre a autora: Natural da cidade de Manaus, Thaisa Yukari, é amante das artes e apaixonada por terror e mistério. Neta de professora, descobriu a paixão pela escrita com incentivo de sua avó. Hoje trabalha como tatuadora e nas horas vagas escreve contos baseados em lendas locais.

Pensando em aproveitar as férias com a família, Paulo, decidiu fazer uma pequena viagem à praia. O roteiro escolhido por ele e Beatriz, sua esposa, foi a exuberante Praia das Pedras, às margens do Rio Negro. Lugar com uma rica diversidade ecológica, rodeada por uma pequena vila de mesmo nome ao oeste do estado do Amazonas.

Pesquisando melhor sobre o local, Paulo encontrou em meio à sites voltados a viagens turísticas, uma linda casa de praia dentro de seu orçamento.

A casa ficava entre a densa mata fechada e o rio. Pedras de vários tamanhos e forma, que davam o nome ao lugar, tomavam conta de quase toda extensão.

Após algumas horas de estrada, a linda família chegara ao destino. Beatriz, ficou encantada com a beleza do lugar. Sob a areia ela corria em direção ao rio de mãos dadas com Laura, filha do casal.

Paulo seguiu com as bagagens em direção a bela casa, e foi recepcionado por *Seu* João, o velho caseiro que morava ao fundo do terreno num casebre:

— Bem-vindo a Praia das Pedras! *Tu* deve ser o Paulo. — Disse o senhor com um largo sorriso.

— Sim, sou eu. E o senhor é *Seu* João, certo? — Respondeu Paulo estendendo a mão direita.

— Sou eu mesmo. Entre, vou mostrar a casa.

Depois de conhecer a casa, arrumar seus pertences e escolher os quartos, Paulo, sentou-se ao lado de João numa cadeira de balanço na varanda. Começaram um diálogo manso, enquanto observavam Beatriz e Laura desfrutando das águas do rio:

— Tem uma linda família, *Seu* Paulo. — Afirmou João.

— Obrigado. Por favor, me chame de Paulo. — disse ele com riso descontraído.

Falaram por horas sobre planos, sonhos e afins. Paulo perguntou se João tinha família, ele disse que não, morava ali há tempos, não tivera oportunidade de consolidar este sonho.

No findar do dia, Beatriz e Laura resolveram descansar. Paulo apresentou a esposa e filha para o velho caseiro antes do jantar.

João aparentava já ter uma certa idade. Sua feição era sofrida e serena. Apenas uma coisa incomodava Paulo, a pele do senhor era carregada de feridas, não podia deixar de perceber, mesmo se sentido mal por parecer julgar, ele temia algo contagioso:

— Não se preocupe. — Disse João ao perceber o olhar fixo de Paulo — Não é contagioso, são apenas marcas da idade juntamente com excesso de exposição solar.

Paulo pediu desculpas, e disse que isso não era um problema, ele apenas estava curioso. Achou justo convidar João para jantar com sua família.

Todos satisfeitos sentaram-se na sala para mais um dedo de prosa. Foi quando em pouco tempo ouviu-se algo semelhante a um grito. Um rasgar de garganta. Um arranhar, que vinha do telhado, assustou a pequena Laura fazendo-a pular no colo da mãe:

— O que foi isso? Morcegos? Ratos? — Perguntou Beatriz ainda assustada.

— É uma coruja. São bem comuns por aqui. — Respondeu João.

Beatriz resolveu recolher-se. Ela e a filha estavam cansadas. Deu boa noite à João e à seu marido que continuou a conversa:

— Não sabia que corujas gritavam. — Comentou Paulo curioso.

— Ah! Mas essa grita. É a Suindara, coruja da igreja. Pelo Brasil a fora tem muitos nomes, aqui chamamos ela de Rasga-mortalha. Diz a lenda que ela é uma bruxa, a própria desgraça ou Matintaperera.

— Essas lendas de interior lembram minha infância, minha finada avó contava muitas.

— Todo canto tem suas lendas. Um povo sem lenda é um povo sem história.

— E por aqui tem algumas?

— Temos várias, mas existe uma que nem ateu duvida.

Paulo se aconchegou na cadeira e pediu pra João contar a história. O velho começou:

“Há muito tempo, por essas bandas, chegou um padre enviado pela diocese da cidade. Cedendo às tentações do diabo ele se apaixonou pela encantadora Ana, filha única de Dona Felícia; uma velha taxada de feiticeira pelos moradores. Os boatos que corriam eram que Ana e Felícia transformavam-se em duas serpentes gigantescas nas noites de lua cheia.

Sabendo que isso não passava de histórias inventadas pela redondeza o padre continuou mantendo o romance secreto.

Numa das noites de encontro o casal foi surpreendido por Felícia que puxou a filha pelos braços dizendo que a jovem não era mais pura e se casaria o mais rápido possível com um dos capatazes do prefeito.

O padre com medo por ter sido descoberto correu para casa planejando fugir com Ana antes que fosse tarde.

Ao amanhecer, o padre foi surpreendido com a amada batendo em sua porta. Ao recebê-la, e contar sobre o plano de fuga, percebeu que ela estava com a barriga beirando o segundo trimestre de gestação:

— Como isso é possível? — Indagou.

A jovem tremula disse que fugiria com o amado mais tardar a meia-noite. O padre concordou.

A meia-noite eles se encontraram e fugiram mata adentro. No meio do caminho Ana começou a sentir dores enquanto a lua iluminava o lugar. Ajoelhada, tentando resistir, Ana pediu para que o padre virasse de costas para ela, sem entender o motivo e nervoso com a situação, ele concedeu o pedido.

Os gritos de dor tomaram conta da floresta como o rugir de uma onça, até que o silêncio repentino fez o homem virar o rosto, mas o que vira no lugar de Ana, era uma gigantesca cobra acompanhada de seu filhote. Beirando o desespero o padre dilacerou o crânio de ambas com um pedaço de tronco. Neste momento uma nuvem densa cobria a lua, mostrando que a cobra grande e seu filhote eram Ana e o recém-nascido.

Aos prantos, o padre correu sem olhar para trás, voltando à praia por ter perdido o rumo de seus planos. Jogou-se na areia até perceber um barulho que vinha do rio. Era Felícia, emergindo das profundezas. A velha foi vorazmente em direção ao padre e o praguejou dizendo:

— Maldito seja tu sob esta terra! A partir de hoje tu nunca descansarás em paz. Irei te perturbar em todas as noites de lua cheia. Darei três sinais da minha presença. Em forma de coruja; anunciarei a minha chegada, em forma de borboleta; assumirei teus pesadelos e em forma de serpente; levarei tudo o que amas, te deixando apodrecer doente, mas jamais

morrerá. Daqui nunca poderás sair, se matar ou morrer. Nem o tempo, nem Deus ou o Diabo irão te levar para o descanso eterno até que encontre um sucessor, outro pecador que venha cometer a mesma atrocidade feita pelas tuas mãos neste solo.

Felícia se transformou numa enorme serpente e desapareceu em meio a escuridão do rio.

Dizem que o padre ficou louco e mora no meio da floresta até os dias de hoje.”

Paulo deu uma gargalhada e aplaudiu João pela história. O velho deu um sorriso tímido, se despediu e foi para seu casebre dizendo:

— A bruxa tá no telhado. É o primeiro sinal.

Depois de uma noite mal dormida Beatriz e Paulo acordaram com os gritos de Laura. A pequena chorava intensamente no quarto ao lado depois de perceber a presença de uma enorme borboleta numa das paredes. A mãe acalentou a criança enquanto Paulo, com auxílio de uma vassoura, assustou o bicho fazendo-o fugir pela janela.

O dia foi de pura diversão para a família, em um breve momento Paulo contou para a esposa a história que João contara noite passada. Ela não deu muita importância mesmo achando uma história curiosa.

A noite chegou lentamente, até que João bateu na porta. Disse que só estava de passagem para perguntar se a família estava bem ou se precisavam de algo. O casal agradeceu e responderam que tudo estava na total ordem e paz.

Já na cama, Paulo não conseguia dormir. No meio dessa agonia ouviu três batidas na porta, levantou-se para atender, mas não era ninguém. Isso se repetiu por mais duas vezes e na última ele ouviu os gritos de Laura.

Chegando no quarto viu que no lugar da pequena filha havia uma serpente tenebrosa. Paulo pegou a primeira coisa que vira em sua frente; um ferro de passar, e esmagou a cabeça do animal. Ao ouvir os barulhos, Beatriz, correu até o quarto ligando as luzes e deu de cara com uma cena horrível:

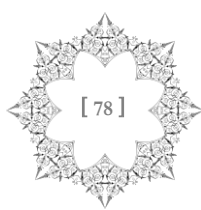
— O que você fez, Paulo? — Gritou a mulher.

Paulo olhou para a esposa e a viu se transformava lentamente em outra serpente diabólica. Com seus braços ele a agarrou pelo pescoço sufocando-a.

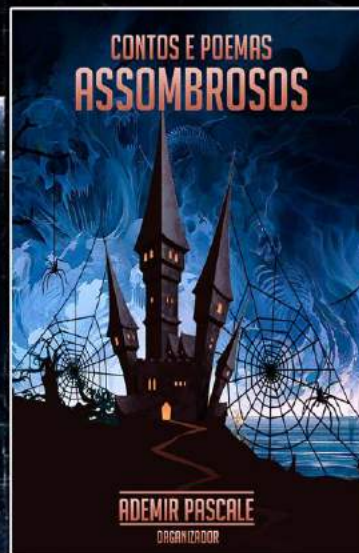
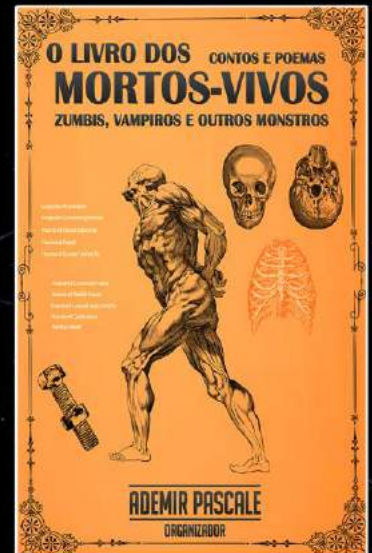
Meio tonto, Paulo olhou ao seu redor e viu a atrocidade que cometera. Sua filha com o crânio esmagado e a esposa estrangulada. Antes que pudesse correr, sentiu uma mão em seu ombro, era João com um sorriso leve e pacífico. O velho estava num estado cadavérico e monstruoso. Paulo assustado o empurrou, João levantando-se devagar e disse:

— Nunca pensei que me libertaria dessa maldição. Quando o vi chegando com sua família lembrei da minha doce Ana, meu eterno amor. E graças a você estou livre. Bem-vindo a maldita Praia das Pedras.

Como areia o velho padre João se desfez e a maldição caíra sob a alma de Paulo.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI